Bayard Demaria Boiteux

A GUERRILHA DE CAPARAÓ

E OUTROS RELATOS

INVERTA

Cooperativa de Trabalhadores em Serviços Editoriais e Noticiosos Ltda.

A Guerrilha de Caparaó
e outros relatos

Bayard Demaria Boiteux

A Guerrilha de Caparaó e outros relatos

*IN

INVERTA
Cooperativa de Trabalhadores em
Serviços Editoriais e Noticiosos Ltda.

© Bayard Demaria Boiteux
© 1998, INVERTA - Cooperativa de Trabalhadores
em Serviços Editoriais e Noticiosos Ltda.
Rua Regente Feijó, 49 - 2º andar
20.060-060 - Rio de Janeiro, RJ
Telefax.: 509-7024

Capa:
Fernando Silva

Digitação, Diagramação e Revisão:
Setor de Edição da Inverta

CATALOGAÇÃO NA FONTE DO
DEPARTAMENTO NACIONAL DO LIVRO

B658g

Boiteux, Bayard Demaria.

A Guerrilha de Caparaó e outros relatos / Bayard Demaria Boiteux. - Rio de Janeiro : Inverta, 1998.

140p. 21cm.

ISBN 85-86152-06-4

Inclui bibliografia.

1. Brasil - História - 1964-1985 - Miscelânea. I. Título

CDD-981.062

Impresso no Brasil

ÍNDICE

Prefácio 9
Homenagens 19
Nossos advogados 21
Os patriotas condenados 22
Nota do autor 23
Duas palavras 24
A volta do exílio 26
Uma página sobre Lamarca e Zequinha 27
Atrocidades na Guerrilha do Araguaia 29
Dedicatória – Agradecimentos 31
Se eu morrer 34
Desaparecidos políticos 35
Os juízes 40
O porquê dos movimentos armados 41
Um momento inesquecível 43
No covil dos torturadores 46
Depois da condenação 51
Expropriações revolucionárias 54
O ódio irracional 59
Os principais órgãos de repressão 62
Os instrumentos de tortura 65
Os guerrilheiros de Caparaó 71
Os trabalhadores e "A Redentora" 75
Barbaridades em crianças e mulheres 79
Causas da Guerrilha de Caparaó 80
"A Redentora" 85
Resposta ao Governo Lacerda 96
A Guerrilha de Caparaó, suas finalidades 100
Fotos 109
Curriculum Vitae do autor 118
Bibliografia 137

PREFÁCIO

Neste limiar do século XX para XXI, quem pensa revolucionariamente no Brasil e faz seus os problemas vividos por nosso povo e país encontra-se diante do inevitável desafio da reflexão sobre este meio milênio de nossa história. Entretanto saber para que momentos ou conjunturas históricas se deve dirigir o pensamento, depende, sobretudo, dos problemas dominantes na cena histórica atual; seja nos aspectos econômicos, políticos e ideológicos; seja pela ótica das classes dominantes; seja pela ótica das classes dominadas. Aqui, a máxima de Marx, "as idéias dominantes de uma época histórica são sempre as idéias das classes dominantes", não implica para o homem, mulher ou jovem de pensamento independente e revolucionário, a impossibilidade de erguer problemas do interesse das classes exploradas e oprimidas na sociedade. O revolucionário não é aquele ser de cócoras, fora do tempo e do espaço, a meditar sobre o mundo que o cerca e, nestas circunstâncias, ganha relevo particular os períodos históricos que antecedem ao atual, e mais particularmente aquelas conjunturas obscuras, pouco conhecidas, onde os relatos da "história oficial" não permitem elucidar as situações, personagens, os porquês, os meios, ou seja, tudo aquilo que nos tire da penumbra, das sombras e vultos, como no mito da caverna de Platão, e nos impulsione de encontro à verdade, à história real.

É neste contexto que ganha significado especial este livro de Bayard Demaria Boiteux: *A Guerrilha do Caparaó e Outros Relatos*. Este caráter especial decorre do autor não

ter por objetivo estabelecer verdades teóricas sobre o processo ou de emitir uma definição ideológica sobre fatos e acontecimentos, sem que os mesmos não lhes tenham chegado ao cérebro pensante e formação de consciência, através de vividas sensações, calcadas, fotografadas e refletidas. Para os que buscam a verdade no exercício da História, da Política, da Sociologia, do Jornalismo e, sobretudo, da luta revolucionária no Brasil, sem dúvida, constitui-se num documento de valor histórico; registro fiel dos acontecimentos vividos, que joga luz sobre personagens, fatos, passagens, até então obscurecidos ou distorcidos pela história oficial. Se na arqueologia da história, as Cartas de Bartolomeu de las Casas são o contraponto à história oficial da Conquista Colonial; as *Cartas Chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga, para a Inconfidência; *O Navio Negreiro*, de Castro Alves, para a Abolição da Escravidão; *O Diário da Coluna Prestes*, de Lourenço Moreira Lima, para a Revolução de 1930, bem como os depoimentos de Prestes; o mesmo representa nesta linha de contraponto à história oficial, o relato de Bayard Demaria Boiteux sobre a Guerrilha de Caparaó e outros fatos do período histórico em questão, que estão diretamente relacionados com o momento atual. Portanto, sua relevância história é imensurável e inquestionável.

Mas quem é Bayard Demaria Boiteux para escrever um documento de tal relevância para nossa história, sem a preocupação de estabelecer uma sistematização teórica dos fatos? Por acaso é um sábio? Um herói nacional? Eminente personagem política, poeta, escritor, um ator? Não, Bayard não é nada disso, embora seja realmente em parte tudo isto e parte de tudo isto naquele período e hoje. Sábio, não somente por ser um homem de pensamento científico e revolucionário, é Doutor três vezes: uma em Ciências Exatas, outra em Ciências Econômicas, e fundamentalmente na arte da

resistência às torturas morais, físicas e toda a excrescência da inquisição e prisão nos porões e cárceres da ditadura, ao longo de três anos, dos doze a que foi condenado, como responsável pela Guerrilha de Caparaó, juntamente com mais 18 patriotas, entre membros de seu Grupo, MRN, e a eminente personagem de Leonel de Moura Brizola, cuja condenação foi de 13 anos; todos tiveram os seus direitos políticos cassados por 10 anos. Mas Bayard também foi diplomata e ativista durante o Exílio, estabeleceu relações intrincadíssimas entre diversos grupos políticos brasileiros e os governos da Argélia, França e Portugal, onde denunciava a ditadura e suas atrocidades. Como homem de Saber e Ciências, escreveu trabalhos científicos, proferiu conferências e lecionou na Universidade de Arger, e na Faculdade de Economia e no Instituto de Serviços Sociais, na Faculdade do Porto (nesta última por 5 anos). Não é demais imaginar que como dedicado mestre, não raro teve que encenar para ensinar e conviver com seus algozes; se rir da ignorância, como demonstram suas gargalhadas com Darcy Ribeiro, durante prisão na Fortaleza de Santa Cruz, e sobretudo encontrar na poesia o fluir da alma para sobrepor as grades no vôo soberano e *liberto* do pensamento e consciência que tudo aquilo não foi e não é em vão, mas História que se faz e muda com a ação da luta, por alguém que "verga mas não quebra".

Em seu livro, Bayard dispõe o conteúdo temático de forma tão didática que torna-se supérfluo buscar estabelecer a evidente relação entre suas várias partes. Em linhas gerais, o autor inicia prestando suas homenagens como agradecimentos, revelando não somente sua identidade ideológica como o seu apreço a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram neste episódio de luta de nosso povo. Sintoniza o problema da História e a sua tarefa em torno do estabelecimento da verdade. Sua narrativa permeia

a denúncia das atrocidades do regime e se relaciona ao presente, revelando as bases em que repousa o atual governo das oligarquias burguesas no país a consumar o plano apátrida, anti-popular e anti-operário das classes dominantes. Não esquece Lamarca e Zequinha; os Guerrilheiros do Araguaia e a poesia que foi se compondo no curso da revolução em nome dos nossos mortos e desaparecidos políticos pela ditadura, para que NUNCA MAIS sejam esquecidos. Esquadrinha, com mestria e sutileza, o julgamento inquisitório, em imagens e sensações, e o momento inesquecível de sua prisão ao deter em suas mãos a vida de muitos camaradas, comportando-se com a dignidade dos heróis. Descreve ainda o covil dos torturadores e suas alquimias para destruir os limites da resistência humana; as formas larápias dos cultuadores da ordem e do ódio irracional à cultura, à ciência e ao saber.

Toda a narrativa do autor é libelo acusatório que põe de manifesto as entranhas de um processo vivido nos moldes de "L` Accuse", de Émilé Zola; mas é também uma lista detalhada das instituições e dos aparelhos da tortura, nomes dos inquisidores, datas e documentos, num processo histórico de luta pela verdade, além seu testemunho pessoal e prova histórica viva. A crítica contundente, irreverente, reveladora e perspicaz do homem de pensamento aparece por inteiro quando passa a relatar o que foi convencionado de "Guerrilha do Caparaó". Sem esquecer um só camarada, o desvelo e idealismo moral que lhes inspirava os intrépidos guerrilheiros de Sierra Maestra, comandados por Fidel, Raúl, Camilo e Guevara, estabelece a metáfora mordaz entre esta tentativa de guerrilha e a batalha de Itararé. Aqui estamos já sob pleno domínio do arquétipo Macunaíma, não como alusão sombria da luta, mas sátira irreverente que denuncia uma tese fundamental deste momento, a mesma que Marx utilizou para qualificar a ação dos jovens hegelianos de esquerda, na

Ideologia Alemã: pensam que são lobos, mas não passam de cordeiros em pele de lobos"; o exército de 10.000 homens, bombardeios, torturas, e toda a bravata contra a suposta Guerrilha de Caparaó não passavam de uma burla, já que todos os 14 guerrilheiros já haviam sido aprisionados pela polícia militar e civil muito antes da chegada do Exército.

Assim, o livro de Bayard Demaria Boiteux constitui-se numa peça de grande valor histórico, no registro da verdade, além de um libelo acusatório ao regime, às classes dominantes, ao sistema capitalista no Brasil e ao imperialismo norte-americano. Mas é sobretudo um cântico de fé na Revolução, pela convicção na ciência e no destino histórico da humanidade, em geral; dos brasileiros, em particular, e da classe operária, em especial, para o Socialismo. Bayard, se ao longo de sua vida não fosse protagonista da história que vivemos, por toda a trajetória de engajamento direto na luta, até a sua condição mais extrema, a luta armada, seria também protagonista da mesma pelo seu indiscutível saber.

Ler o livro de Bayard é ter orgulho de ser brasileiro, e desejo de se ombrear à sua estatura histórica, pelo traço da mecânica física, num risco de vida na lousa do mundo, do humilde mestre, revolucionário e herói de nosso povo.

O Brasil, que completará meio milênio em sua história, reclama o concurso da verdade, exige que se reescreva sua epopéia, em comparação aos povos europeus, asiáticos, africanos e até mesmo americanos, que realce a velocidade com que nestas terras brotou e se desenvolveu nossa civilização sob o influxo da luta de classes. Esta verdade joga luz sobre o presente cujas sombras projetam-se num amanhã, ameaçando-nos com a mesma fúria da espada de Demócles sobre a cabeça dos infiéis. Estatísticas indicam que não menos que a terça parte da população sofre dizimação através de armas de destruição de massas, como desemprego,

fome, miséria, analfabetismo, pestes e matanças sistemáticas. Tudo em sintonia com o quadro mundial em que não há recanto inexpugnável no planeta, onde as conquistas tecnológicas da cibernética, telemática e robótica, em contradição ao gigantismo dos lucros, opressão e monopólio, erguem multidões de explorados, famélicos e miseráveis, à margem do "milagre da globalização neoliberal" e seu "fim da história". Tudo isso conectado a toque digital e redes flexíveis, que em tempo real levam os fluxos de capitais a todos os lugares, se apoderando de nações inteiras, subjugando povos inteiros, condenando-os à extinção.

Mas a humanidade, que no transcurso de sua existência fez sua história na luta perene através de vários modos materiais de vida, criou o traço distintivo entre sua espécie e as outras que habitam o planeta. Atravessou séculos e séculos de interlúdio com a natureza, tateando no passado a construção do presente. O gênio humano venceu a alegoria da Caverna de Platão e, nas penumbras da ignorância, deduziu dos vultos e sombras o amanhã; criou a ciência e galgou a luz, descobrindo a si mesmo como centro do universo. Ao curso da mecânica celeste, consumou pela ciência o modo burguês de vida, renascendo das trevas do século XV, em sua revolução industrial, política e filosófica a iluminar esta epítese da história. Através da organização militar que prefacia a moderna sociedade burguesa, na organização e divisão do trabalho, recobriu-se de carne, nervos e sangue, rompendo os grilhões da velha sociedade, enlaçando a Europa e sua extensão ultramarina em batalhas que erigiam civilizações inteiras como mercados, semeadas a ferro e a fogo. Assim, reescrevem-se os cânticos épicos e as idílicas epopéias da infância humana.

Quando chegou a mediatriz do século que nos antecede, o pináculo da era moderna e da razão, a Europa redescobre-se novamente nas Revoluções, em 1848-1849, e nelas os

novos personagens que assaltam a cena histórica e ameaçam o poder dos novos donos da sociedade semiconquistada. Neste contexto, a mecânica celeste flui-se na dialética hegeliana, invertendo a lógica do Estado do Direito, na crítica subversiva de Karl Marx e Fredrich Engels, a romper os limites gneseológicos fazendo cair as máscaras mortuárias de Robespierre, Marat, Danton e Napoleão para revelar um mundo material, dialético e histórico cognoscível. Daí em diante, a economia política revelou o segredo da sagrada família nas contradições da família terrena, ou seja, na propriedade privada, e o motor do desenvolvimento histórico, na luta de classes. Eclodem as rebeliões operárias. Paris se faz Comuna e a dialética da vida passa ao fluxo e refluxo das lutas entre explorados e exploradores, dominados e dominantes, proletários e burgueses.

A Europa, pequena demais para monopolizar as idéias de "liberté, fraternité et igualité", sob as prédicas do "laissez-faire, laissez-passer", transborda além-mar as idéias libertárias desencadeando batalhas por independências ou morte; e no próprio coração da fera, o centro do capital no mundo, a criatura voltou-se contra o criador ao toque da Marselhesa, salpicando de sangue proletário, nas barricadas, o chão onde finca-se a nova bandeira revolucionária; o coração humano tremula e se inflama, desfralda uma razão maior para seu destino histórico e o fantasma do comunismo ronda a Europa. Mas a este chamamento proletário, não somente a Europa responde, mas o mundo inteiro na intensa ebulição operária e dos sentimentos e lutas libertárias. Aos poucos os recantos mais inexpugnáveis da própria reação absolutista feudal caem e nas ancas das revoluções burguesas, forma-se uma nova vanguarda, cujo ardor das rebeliões, ainda impotente, reacende a chama revolucionária da história humana.

O Brasil brota neste contexto de destruição e recriação de novos impérios, sob o signo da ousadia humana das

grandes navegações dos impérios feudais que resistiam à sua morte. *Os Lusíadas* lastream nossa civilização sob os desígnios da obsessão, pilhagem e saque colonial de tudo o que vão encontrando à flor da terra. Neste processo de conquistas das riquezas, ações desumanas, como registra Bartolomeu de las Casas, conduzem à resistência dos conquistados, e a dialética contraditória dá curso às transformações bruscas em nossa sociedade. Aqui, aquilo que na Europa e outros continentes suas civilizações levaram milênios para desenvolver, nós, em menos de 500 anos, realizamos.

A luta entre conquistadores e conquistados, senhores e escravos, burgueses e proletários, edificou uma sociedade a passos de gigantes e a cada palmo, neste solo, as batalhas homéricas pela independência, soberania, liberdade e justiça foram demarcando nossas particularidades históricas e limites geográficos, sócio-econômicos dentro da América Latina.

Das batalhas, rebeliões e revoltas contra a escravidão desumana, a servidão estereotipada de impérios, a exploração capitalista e imperialista, ergueram-se os verdadeiros patamares da identidade nacional e cultural, por dentro da cultura oficial, da economia oficial, da superestrutura oficial, mantendo-se oculta até os dias atuais na história oficial. As oligarquias burguesas que consumam as classes senhoriais do passado, no curso das gerações, da mesma forma que as classes exploradas, nativas e transplantadas da África, Ásia, Europa e populações, no transcurso da história, romperam os limites da evolução gradual em transformações por saltos do modo de produção e da base técnica e física. Esta alteração no modo de vida material, estrutura física e conhecimento intelectual, moldou a hibridez de valores ideológicos, mascarando a vida real e história. Mas esta epopéia, de atrocidades e conquistas, não se pode compreender das idéias dominantes. Aqui a fala dos que lutam, sentem e,

conscientemente, constróem esta história sempre foi afogada pelo tacão das classes "possidentes".

Nestes termos, o livro *A Guerrilha de Caparaó e Outros Relatos*, de Bayard Demaria Boiteux, já pela simples publicação, é uma declaração de guerra a esta visão torpe da história e com ele torna-se evidente que esta luta continua, como bem traduzem as idéias do autor, da necessidade de reescrever e redescobrir nossa História. Muitos pensarão ser um atraso trilharmos agora este caminho, na medida em que a Europa, desde 1848, revelou o seu. Mas quem não se atenta para o fato, para as contradições entre viver o Século XX na história da Europa, condensado no V século de história do Brasil, não entende o Brasil, não sabe o que é dialética. E, neste caso, ficamos com Bayard, que continua a manter sua compreensão da História até os dias atuais como demonstra sua participação no Conselho Editorial do Jornal INVERTA.

Rio de Janeiro, 24 de julho de 1998.

Aluísio Pampolha Beviláqua

HOMENAGENS

A *Che Guevara*, figura exponencial nas lutas pela libertação dos povos americanos.

A *Salvador Allende*, exemplo de bravura e honradez.

A figura retilínea de *Luiz Carlos Prestes*.

Aos Governos e povos da Europa, África e América, que nos receberam de braços abertos na hora em que os vândalos antibrasileiros assaltaram e conquistaram o Governo legal de nosso País.

Menção especial aos portugueses e argelinos pela maneira fraternal com que nos acolheram.

Nossa comovida homenagem a todos os patriotas-heróis sacrificados (mortos, torturados, seviciados, desterrados e humilhados) pelos militares, sob a batuta do Marechal Castelo Branco e grupos estrangeiros a ele ligados.

Ao querido, valente e leal companheiro *Milton Soares de Castro*, morto em Juiz de Fora, em 23.04.1967, o nosso comovido preito de saudade.*

(*) Estava sob a guarda do major do exército *Ralph Grunewald Filho* e do general *Itiberé Gomes do Amaral*. Era diretor da Penitenciária o Sr. Luiz da Rocha Viana. Estava de serviço o 1° tenente Cupertino do 1° Batalhão do 10° Regimento de Infantaria.

À minha mulher, meus filhos, irmãos e demais parentes pela sua costumeira solidariedade em todos os momentos.

Aos militares brasileiros que lutaram bravamente em defesa da Constituição da República e do governo legalmente constituído, o reconhecimento dos democratas brasileiros.

Àqueles integrantes das Polícias Civil e Militar que tiveram sempre como mira os *Direitos Humanos*, os nossos sinceros cumprimentos.

A *Carlos Lamarca* e seus bravos companheiros de luta, homenagem daqueles que almejam um país livre, independente e socialista.

Aos heróis da *Guerrilha do Araguaia*, exemplos de amor à nossa gente e à causa socialista.

A *Max da Costa Santos* pela sua colaboração em nossa luta.

Àqueles anônimos compatriotas que lutaram com denodo para que tivéssemos um país em que haja pão, terra, habitação, saúde e educação para todos.

AOS NOSSOS ADVOGADOS DE DEFESA
(AMIGOS QUERIDOS):

Marcello Alencar
Paulo Arguelles
Antonio Modesto da Silveira
Helion Gonçalves
Raymundo Nonato
Hélio Mendes
Dalto Vilela Eiras
Francisco Izento
Osvaldo Mendonça
Vivaldo Vasconcelos
Alcyone Barreto
Eni Raimundo Moreira
Jurandyr Amarante
George Tavares
Técio Lins e Silva

(*) Foram cassados, por 10 anos, todos os seus direitos políticos.

OS PATRIOTAS CONDENADOS*

Amadeu Felipe da Luz Ferreira	-	2 anos
Amadeu de Almeida Rocha	-	9 anos
Anivanir Souza Leite	-	2 anos
Araken Vaz Galvão	-	9 anos
Amaranto Jorge Rodrigues	-	5 anos
Avelino Bione Capitani	-	5 anos
Bayard Demaria Boiteux	-	12 anos
Deodato Batista Fabrício	-	4 anos
Edival Augusto de Melo	-	7 anos
Hermes Machado Neto	-	4 anos
Itamar Maximiliano Gomes	-	6 anos
Jelcy Rodrigues Correia	-	6 anos
João Jerônimo	-	4 anos
Josué Cerejo Gonçalves	-	4 anos
Juarez Alberto de Souza	-	7 anos
Jorge José da Silva	-	4 anos
Leonel de Moura Brizola	-	13 anos

NOTA DO AUTOR

O modesto trabalho, que só hoje apresentamos, foi escrito em anos diversos, a partir de minha prisão de três anos, em abril de 1970 e exílio durante dez anos na Árgélia e em Portugal e só concluído de retorno à terra natal.

Voltando ao Brasil, alguns amigos conhecedores destes documentos e de pequeno diário, pediram-me para publicá-los. O dinheiro estava bem curto e, assim, impedia a divulgação.

Presentemente tenho recurso para publicá-los. Eis a pequena explicação em razão da diversidade de datas no texto.

B.D.B.

DUAS PALAVRAS

O povo deve conhecer sua história verdadeira, gostem ou não os proprietários do Poder. A história do Brasil precisa ser reescrita. Dá-se, de um modo geral, relevância a fatos e episódios que nada representaram de positivo para nossa gente. Deformam-se acontecimentos e se esquecem de registrar as lutas épicas contra o colonialismo português, o massacre e exploração permanente das populações indígenas, o que significava Entradas e Bandeiras, o imperialismo brasileiro no Prata e a conseqüente Guerra do Paraguai e muitos outros fatos importantes.

Em vários compêndios, a notável figura de Zumbi é completamente esquecida e, até, por alguns autores, tratada pejorativamente.

Chega-se ao cúmulo de colocar em primeiro lugar na luta pela libertação dos escravos a figura da princesa Isabel, esquecendo-se Benjamim Constant, Teixeira Mendes, Miguel Lemos, Castro Alves e tantos outros.

Guarda-se, a sete chaves, da Guerra do Paraguai, a célebre carta de Caxias ao Imperador e, também, as atrocidades cometidas pelo Conde d'EU contra as populações civis paraguaias, inclusive degolando crianças.

Portanto, é necessário que se abram os arquivos secretos de nossa pátria, para que os historiadores possam informar ao povo brasileiro sua verdadeira história, com suas virtudes e seus erros.

Estamos, assim, escrevendo este pequeno trabalho sobre os vinte anos de trevas neste país. É necessário que nossa

gente conheça, em detalhes, o que representou para o Brasil a nefasta intentona encabeçada pelo marechal Castelo Branco e seus padrinhos norte-americanos.

A mentira nada constrói. O compromisso com a verdade histórica levará até você, caro leitor, os fatos que ora passo a relatar, todos eles devidamente documentados.

Bayard Demaria Boiteux

A VOLTA DO EXÍLIO

Volto para minha terra com as mesmas convicções políticas que há quase dez anos me obrigam a partir para o exílio. Volto para participar, junto com o meu povo, da luta pelo restabelecimento das liberdades democráticas, pela anistia ampla e irrestrita e pela convocação de uma Assembléia Constituinte.

Durante esses quase dez anos, vivi do meu trabalho de professor de Matemática, amparado pelo carinho e pela solidariedade dos democratas da Argélia e de Portugal, a quem estou profundamente agradecido. Ao longo desse tempo, pude acompanhar os esforços e a coragem dos que no Brasil continuaram a organizar a resistência contra o regime implantado a 1° de abril de 1964. Desejo, no momento em que piso novamente a terra brasileira, prestar a minha homenagem aos que perderam as suas vidas, aos que foram presos (ou estão), a todos os que levaram essa luta adiante.

Penso ser o atual momento político, caracterizado pelo renascer da presença das classes mais desfavorecidas na vida nacional, um momento de união de todos os democratas numa Frente Popular, em torno dos objetivos de liberdade, anistia e Constituinte.

Não trago ódio ou revanchismo. Procurarei, apenas, em todas as oportunidades que tiver, lutar pela justiça e pela liberdade a que nossa gente tem direito.

Rio de Janeiro, 8 de maio de 1979.
Bayard Demaria Boiteux

UMA PÁGINA SOBRE LAMARCA E ZEQUINHA

"Um homem veio me contar que viu dois homens deitados debaixo de uma árvore. Meu coração me contou que eram eles mesmos. Eu não queria matar ninguém. Avisei ao major e fui andando até a *Veraneio*, nem vi nada. Só ouvi. Foi ligeiro, duas cargas de tiro. O major Cerqueira entrou na *Veraneio* e só me disse isto: - "Terminou nossa missão". Ali ele pegou uma nota de 100 e meteu no bolso de minha camisa. Falou que era para eu tomar tudo em cachaça. Aceitei".*

Quais eram os participantes dessa conversa? Um era o delator, que se vendeu por 100 (cem) dinheiros; o outro, o major Nilton Cerqueira, chefe do DOI-CODI da Bahia. Hoje, certamente, pelos seus atos chegou ao generalato. Foi presidente do Clube Militar.**

Quem eram aqueles dois homens friamente assassinados? O primeiro deles era o bravo guerrilheiro e grande patriota Capitão Carlos Lamarca, que descansava debaixo de frondosa árvore, gravemente enfermo. O outro, seu leal companheiro, também de grande bravura, o líder metalúrgico José Campos Barreto, o querido Zequinha.

Para caçar esses dois patriotas havia 215 homens, aviões e helicópteros do Exército, Marinha e Aeronáutica, homens do DOI-CODI, DOPS e Polícia Militar. Toda essa gente estava subordinada ao famigerado delegado Sérgio Fleury, catedrático em torturas e crimes.

---

* Reportagem do Jornal do Brasil.

** Hoje é deputado federal.

Eram 4 horas da tarde do dia 17 de setembro de 1971, quando tombaram os dois guerrilheiros que combatiam a ditadura instalada no país a partir de 1° de abril de 1964 com os americanos do Norte.

Lamarca, Barreto! Um dia vocês terão um monumento sob a copa da árvore onde foram assassinados pelos seus algozes, e estes, a cova suja dos pigmeus.

Esperamos que, bem cedo, esses assassinos sejam colocados no banco dos réus e julgados exemplarmente. Se isto não ocorrer, a história os julgará implacavelmente, estamos certos.

ATROCIDADES NA GUERRILHA DO ARAGUAIA

No ano de 1992, jornais do Rio de Janeiro divulgam:

- "Não há registros da repressão à guerrilha no Araguaia" (General Carlos Tinoco, Ministro do Exército, em declaração à Câmara dos Deputados).

-"Tudo que o Exército faz tem relatório. Isso é uma norma de conduta. Em tese; qualquer atividade do Exército, mesmo fugindo da normalidade, é registrada em relatórios". (General Nivaldo, Chefe do Centro de Comunicação Social do Exército).

- "Um dos grandes erros cometidos pelo Exército foi deixar de liberar documentos que não precisaria esconder". (General Newton Cruz, ex-chefe da Agência Central do SNI e comandante militar do Planalto no governo Figueiredo).

Verificam-se nestas declarações de figuras exponenciais na repressão à Guerrilha do Araguaia contradições flagrantes. Para elas a inexistência de documentos representava a prova irrefutável de que nada aconteceu. Quanto cinismo! Quanta desfaçatez! A não publicação dos documentos e dos nomes dos desaparecidos se explica por constar neles o registro das maiores violências contra estes patriotas, mesmo depois de mortos. De alguns cortaram os braços, de outros arrancaram os dedos para que, pelas impressões digitais, não fossem posteriormente reconhecidos. A luta destes denodados brasileiros, durante dois anos, contra a ditadura fascista e corrupta patrocinada pelos americanos do norte jamais será esquecida, queiram ou não Geisel, Castelo, Figueiredo e companhia.

Muitos cidadãos civis foram mortos em conseqüência dos bombardeios contra a população da cidade.

Sabe-se da existência do chamado "relatório secreto", que afirma terem sido as forças militares derrotadas sucessivas vezes pelos bravos guerrilheiros, os quais ocupavam uma área equivalente à superfície da Itália.

O terreno parecia inconquistável. Após conferências entre os militares sob o comando do general Orlando Geisel, o presidente Médici e caterva resolveram organizar uma expedição destinada a derrotar os patriotas-guerrilheiros. As tropas estavam assim constituídas: dois batalhões de infantaria de selva, uma companhia aero-transportada, um comando reforçado de paraquedistas, uma companhia de fuzileiros navais e "comando numerado" da FAB.

Contavam, ainda, com o apoio de quatro helicópteros UH, três aviões C.115 (Búffalo), um C.47, quatro aviões D.19, de reconhecimento e outros quatro aviões T.6 (caças de combate).

A central de operações foi instalada em Xambioá, com acampamentos, pistas de pouso, caminhões de transporte e de suprimentos.

Os 3.200 homens do Exército e seus subordinados da Marinha e Aeronáutica levaram 8 meses para derrotar os destemidos brasileiros.

Grande número de seus oficiais haviam cursado escolas contra guerrilha nos Estados Unidos da América do Norte.

O general Geisel, após a derrota dos guerrilheiros, considerava-se o Eisenhower do Brasil pelas "belas" vitórias.

É necessário, também, que se revelem às novas gerações, através da escola, os fatos verdadeiros desses período negro de nossa história, a fim de que jamais esses acontecimentos se tornem a repetir.

DEDICATÓRIA - AGRADECIMENTOS

Minhas homenagens e meus agradecimentos especiais a:
Accacio Caldeira
*Afonso Saldanha**
Aírio Semeraro
Alberto Bandeira
Altair Campos
Antero de Almeida
Antonio Calado
Antonio Gomes Pena
Apolonio de Carvalho
Branca Perissê
*Bocaiuva Cunha**
Bernardino Pontes
*Carlos Teixeira**
David Lerer
Dimas Joseph
Dirce Sant'Ana
Edmeia Vieira Cunha
Edson Khair
Fernando Pereira Lopes
Flávio Tavares
Guilherme Gomes Carneiro
Helena Oliva do Coutto
Hélio Marques da Silva
Henrique Aranha Miranda

---

* amigos já falecidos, na época da prisão e exílio.

Hermano Alves
Jamil Amiden
Jamil Haddad
*João Gabriel Chaves**
João Resende
José Lousada
*Jorge Luis Souza e Silva**
*José de Almeida Barreto**
José Candido Filho
José Gomes Talarico
José Eudes
José Joaquim da Fonseca Passos
Luiz Carneiro
Luiza Naiman Cohen
Marcello Alencar
Márcio Moreira Alves
Maurílio Lima e Ana
*Marcílio Cláudio Barbosa**
Maria Augusta Tibiriçá Miranda
Maria de Fátima Barbosa
Maria do Carmo e Japa
Miguel Arraes
Nieta Campos da Paz
*Paulo Arguellés**
Paulo Mário
Pedro Paulo Marques de Mendonça
Rui Luiz Gomes – Portugal
Sidivan (amigo de prisão)
*Sonia Gomes Cores**
Stela Cunha
Técio Lins e Silva
Tereza Cesário Alvim
Virgilio José Athayde Pinheiro
*Vital Rolim**

*Walter Nicolino Rodrigues**
Wilson Choeri
À Direção do Clube Positivista.
Ao Movimento de Vanguarda e ao Diretório Central dos Estudantes (DCE – Universidade do Estado da Guanabara).
À Direção do Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro.
À Família Dornelles.
Aos amigos, em razão da memória septuagenária, que esquecemos os nomes.
Aos muitos amigos anônimos.

HOMENAGEM ESPECIAL

À querida amiga *Maria da Conçeição Marques de Lima*, prematuramente falecida, meu muito obrigado pela colaboração dada a este pequeno trabalho.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

A *Arildo Teles*, *Paulinho Flores de Araujo*, *Margarida Lucia Teles da Silva*, *Josinete Barbosa Pinheiro*, *Márcio Filardi Garcia* e *Neisa da Trindade Figueira* por terem colaborado na confecção deste livro.

Aos funcionários da Sala de Consulta do Arquivo Nacional.

SE EU MORRER

Se eu morrer!
Que os camponeses possuam
As Terras
Se eu morrer!
Que os operários possuam
as fábricas
Se eu morrer!
Que os estudantes possuam
As escolas
Se eu morrer!
Que os filhos do povo
Possuam lares
Se eu morrer!
Dentre os umbrais de lutas libertadoras,
que do sangue escravo nasça a redenção do Homem, que nos homens não existam Classes.

Juiz de Fora, 29 de novembro de 1967
JARBAS SILVA MARQUES

DESAPARECIDOS POLÍTICOS DESDE 1964

001 – Adriano Fonseca Fernandes Filho - 1973 (A)
002 – Aluízio Palhano Pedreira Ferreira - 1971
003 – Ana Rosa Kucinski Silva - 1974
004 – André Grabois - 1973 (A)
005 – Antônio "Alfaiate" - 1974 (A)
006 – Antônio Alfredo Campos - 1973 (A)
007 – Antônio Carlos Monteiro Teixeira - 1972 (A)
008 – Antônio Guilherme Ribeiro Ribas - 1973 (A)
009 – Antônio Joaquim Machado - 1971
010 – Antônio de Pádua Costa - 1974 (A)
011 – Antônio Teodoro de Castro - 1973 (A)
012 – Antônio Três Rios de Oliveira - 1973
013 – Arildo Valadão - 1973 (A)
014 – Armando Teixeira Frutuoso - 1975
015 – Áurea Eliza Pereira Valadão - 1974 (A)
016 – Ayrton Adalberto Mortati - 1971
017 – Bergson Gurjão de Farias - 1972
018 – Caiuby Alves de Castro - 1973
019 – Carlos Alberto Soares de Freitas - 1971
020 – Celso Gilberto de Oliveira - 1970
021 – Cilon da Cunha Brun - 1973 (A)
022 – Ciro Flávio Oliveira Salazar - 1972 (A)
023 – Custódio Saraiva Neto - 1974 (A)
024 – Daniel José de Carvalho - 1973
025 – Daniel Ribeiro Calado - 1973 (A)
026 – David Capistrano da Costa - 1974

(A) = Araguaia

027 – Denis Antônio Casemiro - 1971
028 – Dermeval da Silva Pereira - 1974 (A)
029 – Dinaelsa Soares Santana Coqueiro - 1973 (A)
030 – Dinalva Oliveira Teixeira - 1973 (A)
031 – Divino Ferreira de Souza - 1973 (A)
032 – Durvalino de Souza - 1973
033 – Edgar de Aquino Duarte - 1974
034 – Eduardo Collier Filho - 1974
035 – Elmo Corrêa - 1974 (A)
036 – Elson Costa - 1975
037 – Ezequias Bezerra da Rocha - 1973
038 – Félix Escobar Sobrinho - 1971
039 – Fernando Augusto de Santa Cruz Oliveira - 1974
040 – Gilberto Olimpio Maria - 1973 (A)
041 – Guilherme Gomes Lund - 1973 (A)
042 – Heleni Pereira Teles Guariba - 1971
043 – Helenira Resende de Souza Nazareth - 1972 (A)
044 – Hélio Luiz Navarro de Magalhães - 1974 (A)
045 – Hiram de Lima Pereira - 1975
046 – Honestino Monteiro Guimarães - 1973
047 – Humberto Albuquerque Câmara Neto - 1973
048 – Idalísio Soares Aranha Filho - 1972 (A)
049 – Ieda Santos Delgado - 1974
050 – Isis Dias de Oliveira - 1972
051 – Issami Nakamura Okano - 1974
052 – Itair José Veloso - 1975
053 – Ivan Mota Dias - 1971
054 – Jaime Petit da Silva - 1973 (A)
053 – Jana Moroni Barroso - 1974 (A)
056 – Jayme Amorim de Miranda - 1975
057 – João Alfredo - 1974
058 – João Batista Rita Pereda - 1973
059 – João Carlos Haas Sobrinho - 1972 (A)
060 – João Gualberto - 1973 (A)

061 – João Massena Melo - 1974
062 – Joaquim Pires Cerveira - 1973
063 – Joel José de Carvalho - 1973
064 – Joel Vasconcelos dos Santos - 1971
065 – Jorge Leal Gonçalves Pereira - 1970
066 – José Francisco Chaves - 1972 (A)
067 – José Humberto Bronca - 1973 (A)
068 – José Lavechia - 1973
069 – José Lima Piauhy Dourado - 1973 (A)
070 – José Maurílio Patrício - 1974 (A)
071 – José Montenegro de Lima - 1975
072 – José Porfírio de Souza - 1973
073 – José Romam - 1974
074 – José Toledo de Oliveira - 1972 (A)
075 – Kleber Lemos da Silva - 1972 (A)
076 – Líbero Giancarlo Castiglia - 1973 (A)
077 – Lúcia Maria de Souza - 1973 (A)
078 – Lúcio Petit da Silva - 1974 (A)
079 – Luís de Almeida Araújo - 1971
080 – Luís Inácio Maranhão Filho - 1974
081 – Luiz Renê Silveira e Silva - 1974 (A)
082 – Luíza Augusta Garlippe - 1973 (A)
083 – Lourival Paulino - 1972 (A)
084 – Manuel José Murchis - 1972 (A)
085 – Márcio Beck Machado - 1973
086 – Marco Antonio Dias Batista - 1970
087 – Maria Augusta Thomaz - 1973
088 – Maria Célia Corrêa - 1974 (A)
089 – Maria Lúcia Petit da Silva - 1972 (A)
090 – Mariano Joaquim da Silva - 1971
091 – Mário Alves de Souza Vieira - 1970
092 – Maurício Grabois - 1973 (A)
093 – Miguel Pereira dos Santos - 1972 (A)
094 – Nélson de Lima Piauhy Dourado - 1974 (A)

095 – Nestor Veras	- 1975
096 – Orlando Momente	- 1974 (A)
097 – Orlando Rosa Bonfim Júnior	- 1975
098 – Osvaldo Orlando da Costa	- 1974 (A)
099 – Paulo César Botelho Massa	- 1972
100 – Paulo Costa Ribeiro Bastos	- 1972
101 – Paulo Mendes Rodrigues	- 1973 (A)
102 – Paulo Roberto Pereira Marques	- 1973 (A)
103 – Paulo Stuart Wright	- 1973
104 – Paulo de Tarso Celestino da Silva	- 1971
105 – Pedro Alexandrino de Oliveira	- 1974 (A)
106 – Pedro Inácio de Araújo	- 1964
107 – Ramirez Maranhão do Valle	- 1973
108 – Rodolfo de Carvalho Troiano	- 1974 (A)
109 – Rosalindo Souza	- 1973 (A)
110 – Rubens Beirodt Paiva	- 1971
111 – Rui Carlos Vieira Berbet	- 1971
112 – Rui Frazão Soares	- 1974
113 – Sérgio Landulfo Furtado	- 1972
114 – Stuart Edgar Angel Jones	- 1971
115 – Suely Yomiko Kanayama	- 1974 (A)
116 – Telma Regina Cordeiro Corrêa	- 1974 (A)
117 – Thomas Antônio da Silva Meirelles Netto	- 1974
118 – Tobias Pereira Júnior	- 1974 (A)
119 – Uirassu de Assis Batista	- 1974 (A)
120 – Vandick Reidner Pereira Coqueiro	- 1973 (A)
121 – Virgílio Gomes da Silva	- 1969
122 – Vitorino Alves Moitinho	- 1973
123 – Walquíria Afonso Costa	- 1974 (A)
124 – Walter Ribeiro Novaes	- 1971
125 – Walter de Souza Ribeiro	- 1974
126 – Wilson Silva *	- 1974

* Alguns casos já foram parcialmente resolvidos. A relação dos desaparecidos está incompleta.

Esses são os nomes dos heróis que foram covardemente assassinados pelos governos ditatoriais. Seus corpos jamais foram devolvidos às suas famílias, e elas também desconhecem onde foram sepultados. A eles as nossa homenagens comovidas. Seus nomes jamais serão esquecidos pelo povo brasileiro.

A nossa homenagem especial aos componentes do "Grupo Tortura Nunca Mais" pela corajosa luta para que os ministros militares digam à opinião brasileira e mundial onde estão enterrados estes que lutaram contra uma ditadura militar fascista anti-Brasil.

OS "JUÍZES"

O Conselho Especial da 4ª Região Militar de Juiz de Fora (Estado de Minas Gerais) foi escolhido a dedo* pelo General Itiberê Gouvea do Amaral, comandante da Região e composto dos seguintes Oficiais: majores Sebastião Vidal, Luciano Brasil Ribeiro, Roberto Tinoco Guimarães e Hélio Afonso de Souza.

Funcionava como promotor Joaquim Simeão Farias Filho.

Presidia os trabalhos a figura íntegra do Juiz-Auditor Doutor Antônio Arruda Marques, posteriormente cassado.

Assessorava o julgamento o major Ralph Grunewald Filho, que, por determinação do general Itiberê, instruía, a todo momento, o insignificante Conselho e o serviçal promotor quanto ao modo de proceder e votar nas várias fases do julgamento. Figura de influência decisiva na sentença final.

Era, também, voz corrente em Juiz de Fora que os diversos votos contra os heróicos patriotas, que lutavam pela libertação do nosso povo, haviam sido ditados por telefone pelo general Itiberê.

Excetua-se, por dever de justiça, a figura digna do Doutor Antônio Arruda Marques.

---

* Não foi respeitado o sorteio dos oficiais que comportam o Conselho, como mandam os regulamentos do Exército.

O PORQUÊ DOS MOVIMENTOS ARMADOS

Em 26 de março de 1965, iniciou-se a primeira tentativa de reação armada à ditadura implantada por Castelo Branco e seus protetores norte-americanos.

O bravo Coronel Jefferson Cardim de Alencar Osório, com aproximadamente 30 homens, tomou a cidade de Três Rios no Rio Grande do Sul e outros pequenos lugares. Infelizmente esse levante durou apenas três dias apesar da bravura de seus companheiros. Este grande brasileiro e exemplar militar do Exército foi humilhado por muitos de seus subordinados e iguais. Sem condições de reagir, já na prisão, cuspiram em seu rosto e lançaram-no ao chão e o pisotearam. Este ato degradante foi comandado por um coronel do Exército. Que vergonha! Que tristeza!

Houve, também, reações em diversos pontos do território nacional por componentes dos "grupos dos onze", criados por Leonel Brizola, figura exponencial de nossas lutas políticas.

Os militares do Exército, Marinha e Aeronáutica (a área nacionalista), que defendiam as riquezas brasileiras e os princípios democráticos foram demitidos ou reformados.

O exemplo da revolução vitoriosa de Cuba, integrada por uma plêiade de destemidos guerrilheiros sob a direção firme de Fidel Castro e Che Guevara, dava aos patriotas brasileiros ânimo para lutar.

Logo após a derrota do Coronel Cardim, surgiu a chamada Guerrilha de Caparaó, que será o assunto principal deste livro.

Façamos, antes, um breve histórico dos agrupamentos que surgiram para resistir à ditadura.

Divergências de idéias quanto aos métodos de resistência geraram "rachas", principalmente nas facções comunistas: o PCB (Partido Comunista Brasileiro), o PC do B (Partido Comunista do Brasil) e a POLOP (Organização Revolucionária Marxista-Política Operária). O PCB seguiu uma posição contrária à luta armada. Os que seguiram esta linha sofreram críticas violentas. Por discordarem desta orientação não revolucionária, formaram-se grupos e sub-grupos: ALN (Aliança Libertadora Nacional) e o MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro). Do PC do B, apesar de favorável à luta armada, desligaram-se outros grupos: Ala Vermelha e o Movimento Revolucionário Tiradentes (MTR). Novos grupos se formaram saídos da POLOP: Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e Comando de Libertação Nacional (COLINA). Havia, ainda, a Vanguarda Armada Revolucionária (VAR) Palmares, a Ação Popular Marxista-Leninista (ADML) e o Partido Operário Revolucionário.

Em razão das violências, atrocidades, assassinatos praticados por Castelo Branco e seus serviçais civis e militares, sempre orientados pelos americanos do Norte, Pedro Lobo de Oliveira, no seu importante livro "A Esquerda Armada do Brasil" dá a síntese de nossa futura luta: "Não existem vias pacíficas para derrubar a ditadura brasileira. Sem eleições, com os sindicatos de trabalhadores fechados, os camponeses famintos, o povo massacrado pela repressão, a única via possível para a libertação é a luta armada".

Era necessário enxotar da direção de nosso país os traidores e inimigos do povo. A sorte estava lançada.

UM MOMENTO INESQUECÍVEL

Há aproximadamente 25 anos, em plena sala de aula, no Edifício Municipal, na Avenida 13 de Maio, 13 – 17° andar, sala 1715, no centro do Rio de Janeiro, deu-se minha prisão. Dois beleguins do exército conduziram-me, sob a mira de reluzentes metralhadoras americanas, ao sinistro quartel da Rua Barão de Mesquita. Ali, é preciso lembrar aos leitores, ficava o centro de terrorismo do Exército brasileiro. Ao chegar a esse local, um oficial, aos gritos, ordenou a um soldado que retirasse todos os meus documentos. Um jovem cabo segurou-me fortemente pelos ombros, despejou-me, aos brados, palavrões próprios para a ocasião e logo a seguir, deixando transparecer uma brusca mudança, disse, em voz baixa: "Fui seu aluno, dê-me os documentos que desejar". Quanta amizade! Quanta vontade em ajudar seu velho professor! Salvei-me. O documento principal – comprometedor – ficou no meu bolso. Colocaram-me numa sala com grades. Tentei desfazer-me do documento. Procurei jogá-lo na privada. Tentativa vã, a válvula não funcionava. Tentei arrancar o gradil do boeiro de águas pluviais; estava entupido. A sorte não me ajudava naqueles momentos difíceis.

Para minha felicidade, só permaneci algumas horas naquele antro. Viam-se caras patibulares em todos os cantos. Fui, então, conduzido para Juiz de Fora, outro centro de terrorismo. Havia muitos neste Brasil afora, instituídos por Castelo Branco e seus serviçais civis e militares.

Somente o ditador Ernesto Geisel, naquela época pertencente à "entourage" do ditador Castelo, afirmava,

cinicamente, que não havia tortura no Brasil. Apenas algumas cacetadas... "C'est tout".

A caminhonete FORD seguia em direção a Juiz de Fora. À frente sentavam dois homens elegantemente vestidos, portando revólveres e metralhadoras, que diziam pertencer às Forças Armadas. No banco de trás, eu, outro prisioneiro político desconhecido e um soldado fortemente equipado. Todas as armas, é claro, apontadas para nós.

Soube, posteriormente, que eram capitães do exército exercendo a função de policiais.

Eu, que tinha na família muitos militares, sentia muita tristeza em ver oficiais transformarem-se em tiras. Imaginava o choque que sentiriam as grandes figuras do nosso Exército, tais como o General Manuel Rabelo e General Lott ao saber da nova função de seus oficiais. Os autênticos policiais jamais escondem sua função.

Anoitecia. Mal sabiam eles que em meu bolso, em pequeno caderno, estavam os nomes de muitos companheiros que combatiam a ditadura militar. Decorriam já uma ou duas horas de viagem, quando ocorreu-me a idéia de dizer aos oficiais que precisava ir ao toalete. Pensava, assim, poder livrar-me daquele caderninho que, se apreendido, iria levar à prisão, e mesmo à morte, inúmeros companheiros. Apressei o passo em direção ao mictório. Ao entrar, tentei encostar a porta, mas, aos pontapés, os dois atléticos e valentes oficiais impediram-me que o fizesse, tornando impossível a minha tentativa de jogar, no vaso sanitário, o citado documento. Voltamos à caminhonete. Deu-se então, uma troca de lugares: o soldado ficou entre mim e outro prisioneiro, a fim de evitar que tentássemos novamente dialogar. Mais uma hora de viagem escutando bravatas dos oficiais-polícias. Pedi, novamente, para ir ao toalete. Houve reclamações por parte dos adestrados transportadores de perigosos prisioneiros de guerra. Entramos num mictório público. Susto generalizado.

Alguns estranhos, que ali se encontravam chegaram a tremer de susto diante das duas metralhadoras e um revólver apontados para mim. Esqueceram até o motivo que os levara àquele lugar privado. Alguns saíam completamente apavorados e... molhados. Espetáculo humilhante e hilariante. Não foi possível desvencilhar-me do pequeno documento. O frio corria-me nas veias. Voltamos à caminhonete. Ao entrar, coloquei o caderninho em minha mão e pus o braço p'ra fora do carro. Estava escuro. Partimos. A uma centena de metros, em sentido contrário, vinha dois caminhões FNM. Larguei o precioso documento que seria um pitéu para os facínoras que, tocados pela sanha dos tiranos, esperavam-nos em Juiz de Fora. Senti um choque, suores e calafrios em todo o corpo. Os oficiais perceberam que havia acontecido qualquer coisa excepcional comigo. Mas jamais imaginariam que eu estava livrando dezenas de companheiros das torturas e talvez da morte. Esse foi um dos fatos mais marcantes de minha vida.

NO COVIL DOS TORTURADORES

De todos os centros de tortura montados pela ditadura militar, Juiz de Fora era o epicentro. Ali estavam concentrados os grandes especialistas. A ralé do governo Castelo.

Denúncias e mais denúncias, transmitidas de boca em boca à população, deixavam todos estarrecidos. Alguns valentes jornais, tais como "Correio da Manhã" e "Última Hora", denunciavam as atrocidades cometidas nos quartéis. Foi naquele centro (Juiz de Fora) que morreu, por enforcamento, a figura exemplar do guerrilheiro Milton Soares de Castro. Os militares informaram que se havia enforcado com um cinto preso a uma pia. Estranho enforcamento...

Tinha sido interrogado pelo major Ralf Grunewald e outros oficiais. Seu corpo jamais foi entregue à família, apesar dos apelos de sua progenitora ao ministro da guerra daquela época, general Lyra Tavares, que nem sequer respondeu às várias cartas exigindo seu corpo. Provavelmente andava muito ocupado na tentativa de ser mimoseado com uma vaga na Academia Brasileira de Letras. Obteve-a, posteriormente, graças aos "méritos" militares. Seus livros estão esgotados. Aconselho aos distintos leitores a lerem as suas obras literárias as quais, segundo os áulicos votantes em favor de seu ingresso na "Casa de Machado", são superiores às da maioria dos escritores brasileiros. Machado de Assis soluça em seu túmulo...

Eram aproximadamente 8 horas da noite quando cheguei àquela cidade. Fui imediatamente levado ao 4° R.O-105. Lá colocaram-me em uma sala, onde permaneci por dois dias sem qualquer comunicação com o exterior.

Em seguida, interrogatórios e mais interrogatórios, alguns com 24 horas de duração. Resolvi, então, assumir inteira responsabilidade pela guerrilha. A partir daí diminuíram os sucessivos contatos com os militares que exerciam as funções policiais. Diziam-se profundos conhecedores do marxismo. Eram, sim, especialistas em torturas – professores catedráticos.

Permaneci incomunicável por várias semanas. Os torturadores não respeitavam as decisões do Superior Tribunal Militar. Apesar dos esforços de meus ilustres e cultos advogados, Marcello Alencar e Paulo Arguelles, junto ao senhor Ernesto Geisel (relator), que exercia agora a função de ministro do STM (Superior Tribunal Militar), continuei em regime de incomunicabilidade. O conceito de incomunicabilidade, o "jurista", ex-funcionário de Castelo Branco, desconhecia completamente, pois, segundo voz corrente, era especialista em doutrinas de extrema-direita.

Anos depois, constatei que a afirmativa era verdadeira.

Ali permaneci, até meu julgamento, nas mais precárias condições: alimentação péssima, tratamento subumano. Os preceitos de higiene eram "muito" respeitados pelo comando daquele quartel. Na minha estada, durante vários meses preso, só mudaram a roupa de cama duas vezes. O cobertor foi suprimido no inverno e o chuveiro elétrico, desligado. Quanta eficiência! Quanta bondade! Até as instalações sanitárias fecharam... Pigmeus em tudo. A ordem do fechamento foi dada pelo próprio general Itiberê. Penso que iria defender certamente a tese: As latrinas e a luta armada.

Precisei de assistência médica e dentária. Após várias solicitações, fui atendido mediante régio pagamento. O médico cardiologista, Coronel da 4ª Região Militar, exigiu uma consulta paga igual às dos marajás da medicina no Rio de Janeiro. Segundo ele, eu nada tinha, estava em forma. Levou todo o dinheiro que havia em minha carteira. Tenho pena de seus

clientes. Seus colegas de quartel e o povo de Juiz de Fora deviam fugir dele, como médico e como ser humano.

Eram eles muito gentis na distribuição de alimentação. Colocavam um bandejão de comida, a pior possível, no chão junto à porta e, já fria, entregavam-nos com um chute. O serviço de mesa se completava com uma colher enferrujada e alguns palavrões, dos quais hoje guardo com grande coletânea. Espero ter tempo para registrá-los em um dicionário. Será, estou certo, grande contribuição para as bibliotecas militares. Pedirei ao "ilustre" general Lyra Tavares, um dos "maiores" escritores nacionais, segundo se comentava entre membros da Casa Machado de Assis, que o prefacie.

Às vezes faziam revistas em nossas celas, perguntando-nos, onde estavam guardadas as armas. Provavelmente queriam ver os canhões que fabricávamos nos infectos cubículos. A falta absoluta do que fazer levava-os a essas atitudes hilariantes. Falta de trabalho, pois nada faziam, a não ser comer e fazer ginástica. E tantas estradas para construir... tantas fronteiras para vigiar... tantas crianças para educar... e a Amazônia abandonada.

Para submetermo-nos às incontáveis sessões de interrogatórios, conduziam-nos algemados em caminhões descobertos. Quando chovia, o procedimento era análogo. Chegávamos encharcados. Isso deliciava a maioria dos oficiais e sargentos. Não nos consideravam seres humanos. Chegava, às vezes, a duvidar de que estes militares tivessem nascido do ventre materno!

Como sou modesto professor de Mecânica Racional, resolvi fornecer contribuição científica à plêiade de oficiais daquele quartel, um dos baluartes da revolução, trabalho teórico sobre o "Tiro" – Parece que foi apreciado...

Felizmente, em contrapartida, tive, em minha companhia, figuras que só dignificavam nosso País, tais como o bravo

Capitão Juarez Moreira, hoje Tenente-Coronel, o combatente jornalista Flávio Tavares, a figura exemplar do engenheiro Moisés Kuperman, já falecido, dentre outros.

Sempre é bom lembrar aos leitores que o general Ernesto Geisel, um dos conhecidos ditadores de plantão, foi responsável pelos contratos lesivos ao erário público atinentes às usinas atômicas em Angra dos Reis. Um governo responsável tê-lo-ia processado pela ousada e irresponsável aventura. Aqui, porém, nada acontece. Este general, de tendências nazistas, vive hoje em majestoso prédio em Teresópolis, tendo como amigo predileto o famigerado Armando Falcão, aquela figura sinistra que sempre dizia: "Nada tenho a declarar". Até quando perdurará a impunidade no Brasil?

Após 5 meses de prisão no 4° R.O-105 de Juiz de Fora, iniciou-se nosso julgamento, precisamente em 25/09/67, às 13 horas, e terminou no dia seguinte, às 16 horas. Todos condenados, destacando-se as penas atribuídas a Leonel Brizola – 13 anos, e a mim – 12 anos.

Os nossos advogados, cerca de uma dezena, defenderam-nos com brilho, coragem e eficiência. Tudo debalde, porém. Nossa sorte já estava lançada, mesmo antes do julgamento, segundo voz corrente em Juiz de Fora. As sentenças já estavam delineadas pelas autoridades superiores do Exército. Nós próprios já havíamos recebido, com antecedência, notícias das penas proferidas. Levaram mais de 25 horas para decidir. Verdadeira farsa, pois já tinham na mochila a sentença*. Esse era o procedimento dos salvadores da Pátria, que assaltaram a nação em 1° de abril de 1964. Viva a "gloriosa"! Salve a "redentora"!

---

* Posteriormente nossas penas foram reduzidas, no Superior Tribunal Militar, graças à eficiência de nossos advogados encabeçados por Marcello Alencar e Paulo Arguelles, os quais nada receberam de nossos bolsos.

A má vontade com os condenados era tamanha, que o "impoluto" conselho, capitaneado pelo insignificante e ignorante major Nazaré Vital, sequer fez a leitura das sentenças. Ela só aconteceu em 03/11/67 sob pressão popular, e sob protestos de nossos advogados, em particular o Dr. Raymundo Nonato. Apesar de convocado, o referido militar, propositadamente, não comparecia à Auditoria a fim de ler as sentenças. Um novo viva àqueles civis e militares que assaltaram a nação em 1° de abril – o dia da mentira.

História é História. A verdade padece, mas não perece. A título de curiosidade, informemos aos leitores que, na época em que nos encontrávamos presos em Juiz de Fora, era Prefeito da cidade o Sr. Itamar Franco (PMDB), que ignorou completamente todos os presos políticos lá confinados. Era íntimo dos militares. Grande democrata portanto... Em 1990 foi eleito vice-presidente na chapa de Fernando Collor, inimigo do povo brasileiro.

É também, um fato marcante de suas atitudes dúbias, a venda, por preço de banana, da empresa estatal Usiminas.*

Antes fora absolutamente contra esta venda. Fizera declarações incisivas aos jornais, rádios e televisões condenando o leilão. Foi aplaudido por quase todos os partidos brasileiros. Alguns dias depois, assume, provisoriamente, a Presidência, exatamente no dia em que seria leiloada a Usiminas. Nada fez. Acovardou-se. As farmácias e laboratórios de produtos médicos precisam produzir, em quantidade, um remédio que se chama "caráter", remédio este em falta, principalmente em Brasília.

Com a destituição de Fernando Collor, Itamar assumiu a Presidência da República. É um presidente vacilante, incompetente e inepto.

---

* Posteriormente, foram leiloadas outras, e muitas outras estatais, inclusive a Companhia Siderúrgica Nacional, por preço de banana.

DEPOIS DA CONDENAÇÃO

Após o julgamento, levaram-me para outro quartel, em Juiz de Fora. Lá permaneci quatro meses em local onde não havia luz natural e sem direito a sol por 1 minuto sequer. Felizmente, em conjunto com o querido amigo, atual coronel Juarez Moreira, figura humana do melhor quilate. Pensavam que nos calariam. Puro engano. Quem tem os nomes de Juarez e Bayard quebram, mas não vergam.

Homem perigoso era eu: por ordem dos chamados defensores da civilização cristã, fui transferido, algemado, de Juiz de Fora para o Forte Copacabana, no Rio, onde permaneci aproximadamente 6 meses. Por ordem de seu comandante, os oficiais, sargentos e praças eram proibidos de dirigir-me a palavra. Banho de sol só de vez em quando. Até a janela que dava para a praia de Copacabana foi vedada por uma grossa cortina. A alimentação, porém, era boa e farta. Quanta bondade! Quanta grandeza!

Aquele Forte era um centro de recreação e um luxuoso hotel de trânsito. Às vezes apareciam oficiais que haviam sido meus alunos. Jamais me cumprimentavam. Quanta covardia! Alguns do Instituto Lafayette, colégio onde ensinávamos caráter, bondade e muita cultura. Esqueceram tudo, tudo mesmo. Coitados.

Do Forte de Copacabana fui, posteriormente, transferido para a Fortaleza de Santa Cruz e lá me colocaram, inicialmente, nas catacumbas, abaixo do nível do mar, pois seu comandante, Coronel Adjanir, não sabia que um professor com nível universitário, com apenas dois doutorados e

aprovado em sete concursos, sendo quatro em primeiro lugar, tinha direito à prisão especial. Após demorada reunião, os "sábios" oficiais concluíram que eu tinha tal direito. Colocaram-me, então, em uma sala com cama, mesa e cadeira. Gentilmente tiraram a cadeira e o cobertor. E o chão serviu-me por muito tempo de escrivaninha. O presente relato é fruto de escritos alinhavados naquela deliciosa mesa. Gente boa, como se vê. Odiavam a cultura. Conosco colocaram os condenados por morte, roubos, assaltos, estrupos etc. Hoje recordar tudo isso nos entristece muito. Quem terá a coragem de desmentir as nossas afirmações? A verdade padece mas não perece, como disse anteriormente. Tenho documentos e pessoas que provam nossas assertivas.

O contato com pessoas condenadas por vários crimes foi uma experiência marcante. Sempre nos respeitavam, e, através dos diálogos constantes que mantínhamos, procurávamos recuperá-los. Parece que obtivemos algumas vitórias, pois, vistos de perto, aqueles presos, nada mais eram do que pobres vítimas das circunstâncias. Fiquei amigo de muitos.

É claro que alguns poucos oficiais e sargentos nos tratavam como seres humanos. Dentre eles, quero destacar a figura excepcional do Major Herval e o procedimento correto e fraterno dos Sargentos Ramos e Aírton. Eles simbolizavam o verdadeiro Exército brasileiro: Respeito à pessoa humana.

É bom sempre homenagear as muitas pessoas, civis e militares que, através de um olhar apenas, de um bom-dia ligeiro, de um alô ou de uma mensagem anônima, amenizavam nossos dias de tristezas. Continuávamos firmes, cada vez mais, com nossas convicções e com nossos ideais. Nada de desânimos. Um dia, dizia sempre eu, este rebutalho será varrido de nossa terra. Está custando, mas cedo teremos um Exército cujas figuras máximas serão semelhantes a Benjamin Constant, Floriano Peixoto, Teixeira Lott, etc.

O comandante da Fortaleza era um homem arbitrário. Cometia toda a espécie de violências contra os presos políticos. Um serviçal completo de seus superiores hierárquicos. Louco varrido.

Lá tivemos entre nós, também como prisioneiro, o Ministro Darcy Ribeiro, Ex-Chefe da Casa Civil do eminente Presidente João Goulart. Homem excelente. Figura alegre, correta e firme.

Após reuniões, o alto comando da Fortaleza concluiu que tinha em seus cárceres dois subversivos perigosos, que poderiam repentinamente, com um toque de mágica, tirar de seus colchões e travesseiros, metralhadoras, revólveres e canhões. Em razão desta sábia e profunda reflexão, não permitiam que nós dois conversássemos. Quando um tomava banho de sol, o outro era posto nas sólidas grades. Mais ainda, na hora do almoço, cada um tomava assento à mesa em cabeceiras opostas. A segurança do País estava, portanto, garantida. Costa e Silva, o novo ditador de plantão, podia assim permanecer, com tranqüilidade, nos braços de Morfeu e se deliciar com gostosas bebidas e recreativos jogos de carta. Darcy, eu e os demais presos políticos dávamos gargalhadas homéricas pelas rigorosas medidas de segurança estabelecidas. Inegavelmente serviam como um bom desopilador do fígado. Do fígado, estava certo, não morreríamos. De torturas, porém, muitos morreram...

Uma das salas da Fortaleza, bastante espaçosa, guardava boa quantidade de livros. Encontrava-se, porém, sempre às moscas. Quis reorganizá-la. Não permitiram. Afinal, para que bibliotecas? Abaixo a cultura! Viva a ignorância! Era, ao que parece, o lema da maioria. Preferiam, de um modo geral, a cultura física.

EXPROPRIAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS

Logo após a "gloriosa", ou "redentora", como era chamado o golpe militar de 1° de abril de 1964, fui demitido sumariamente do magistério estadual (1° lugar, por concurso) e do Colégio Pedro II (4° lugar, por concurso) por Castelo e seu serviçal Carlos Lacerda. No dia 2 de abril, fui preso defronte ao Clube Naval por 3 (três) policiais que me jogaram na mala de um carro de polícia. Andaram horas e horas. Posteriormente, prenderam um outro cidadão que, percebendo minha presença, embora às escuras, tratou de saber quem eu era – as situações adversas geram uma solidariedade imediata. Assim que ouviu meu nome, disse-me: – "Meu Deus do céu, ser preso com um homem tão perigoso como o senhor!" Ri-mo-nos bastante. Já era noite quando, no aterro do Flamengo, abriram a mala e retiraram-nos dela. Os tais policiais indagavam-se entre si: - "Vamos fuzilá-los agora ou mais tarde?" Nós dois permanecíamos em completo silêncio, aguardando o veredito. Sem valentia, nem covardia. A sentença foi pelo não fuzilamento. Foram, então, diretamente à minha casa na Tijuca e a saquearam. Finalmente, após 5 horas, levaram-nos para a Ordem Política e Social, onde encontrei muitos amigos presos. Transferido, posteriormente, para o prédio da Frei Caneca, lá permaneci 8 dias. Como conseqüência disto fiquei impossibilitado, também, de fazer uma nova cátedra na, hoje, UERJ. A tese já estava pronta. Já contava, então, com dois doutorados: Ciências Exatas e Ciências Econômicas. No decorrer deste relato, teremos ocasião de apontar, com documentos

comprobatórios, inúmeras irregularidades do governador "mãos limpas". Até obras de engenharia realizadas para seu patrimônio particular. A Praia do Flamengo, nº 224, é uma delas. Quem, por lá passar, verá uma grande cobertura: uma das heranças de seu mandato. Quando faleceu deixou milhares de dólares, segundo dizem. Estava rico.

Impedido de trabalhar em órgão público por razões ideológicas, decidi alugar uma sala no Centro da cidade para dar aulas particulares, a fim de sustentar a mulher e cinco filhos.

Lá coloquei, também, minha biblioteca de matemática e de estatística, com aproximadamente mil volumes, adquiridos durante anos e anos com minhas pequenas economias de professor. Estava sempre à disposição do público, diariamente aberta. Hoje, o que resta desses bons livros foi doado ao Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro. Quando da minha prisão, as forças militares arrombaram o meu local de trabalho e fizeram a seleção dos melhores livros, alguns preciosíssimos e de valor inestimável. Ao que parece, em nome dos sagrados ideais do golpe militar de 1º de abril de 1964. Mas não eram especialistas somente em surrupiar livros. Saquearam as gavetas, levando centenas de dólares ali colocados, um anel de ouro de origem egípcia – que seria o presente de aniversário da minha filha, que completaria, em 5 de maio, os tão sonhados 15 anos – e um revólver antigo, com cabo de madrepérola, pertencente a meu velho pai, Almirante Lucas Alexandre Boiteux. Até hoje espero as providências do acadêmico-general Lyra Tavares, ministro da guerra naquela época, para que me façam a devolução pelo menos, dos livros. O dinheiro e os outros pertences eu destino ao Exército para que melhore as condições precárias de seus hospitais, onde, às vezes, falta até algodão. Apresentaram-me, meses depois, na prisão do 4º R.O-105, como devolução do saque um livro de Atas, algumas papéis

velhos e um *Sputnik*, bela obra artística que eu conservava sobre minha mesa de trabalho, todo estraçalhado a marteladas. Ódio irracional à cultura e à beleza. Fora-me oferecido pelo grande lutador comunista, Professor José de Almeida Barreto. Este cidadão paraibano, da melhor estirpe, batalhou a vida inteira no Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro, em defesa dos mestres brasileiros.

É bom lembrar, também, que após o golpe fascista de 1964, a Federação dos Professores, situada na Rua Álvaro Alvim, (Centro) e o Sindicato dos Professores, na Rua 13 de Maio, nº 13, 3º andar, Rio de Janeiro, foram saqueados e depredados. Estes eram os homens que pretendiam libertar o Brasil do suposto caos. Adotavam os métodos copiados da Alemanha nazista e da Itália fascista. Tinham saudades de Felinto Müller, Eurico Dutra, Góes Monteiro, Henrique Guilhem, Lacerda, etc...

Dias após a vitória da "Revolução", tivemos várias vezes nossa residência assaltada por militares do Exército e Polícia comandados por um tal major Bonecker que se intitulava assessor especial do ditador Castelo Branco. Levaram alguns livros e até tentaram jogar uma bomba no quarto do meu filho de dois anos de idade. Queriam sangue, muito sangue, desejavam mortes; mas, graças à prudência e energia de meus irmãos militares não conseguiram seu intento, certamente amargando profunda decepção. Pelos atos de bravura revolucionária, pelas corajosas invasões a pacíficas residências, o referido major deve ter recebido algumas promoções e inúmeras condecorações. Levavam sempre boas presas. Da casa de minha filha, outros "heróis" levaram até a geladeira. Invasão análoga sofre o apartamento do Presidente da Federação dos Professores, Professor José de Almeida Barreto. O saque, comandado pelo "destemido" major Kleber Bonecker, teve lances dramáticos. Não o encontrando em sua residência, prendeu seu filho menor, cuja

saúde inspirava cuidados médicos, com a declaração: – "Ou você se apresenta ou seu filho fica preso". É claro que o mestre Barreto se apresentou imediatamente, protestando contra tal indignidade. Mesmo assim, seu filho ficou ainda mais dois dias encarcerado, sem medicamentos.

Instaurou, também, Bonecker com seus serviçais, um processo contra mim, Barreto e os professores: Nelson Maciel Pinheiro Filho, Afonso Henrique Martins Saldanha, Carlos da Silva Teixeira, Vítor José Castel Ruiz Azevedo, Alda Drumond Cadaval, Válter Ribeiro Lemos, Levi Borborema Pôrto, Robespierre Martins Teixeira, José Orind, José Teixeira Filho, José Cândido Filho, Sady Casemiro dos Santos, Elói Teixeira Azeredo, Hélio Marques da Silva, Emir Mamoud Amed, José de Almeida Barros e Henrique Batista Aranha Miranda.

Fomos absolvidos pelo ilibado Juiz Teócrito Rodrigues de Miranda. Em seu despacho destaca-se o seguinte: "deduções, presunções e ficções com falsa rotulagem de fatos autênticos inconsideravelmente valorizados não possuem categoria legal para arrastar aos Tribunais esses membros do Magistério, pessoas válidas e úteis à coletividade com posição na sociedade". Afirma o Juiz ainda no seu memorável despacho: "Mas se, ao contrário, mas neste caso, qualquer ação punitiva se exercitasse contra estes integrantes do magistério seria puro negativismo constitucional. Expressaria não um ato legítimo de preservação da ordem, mas de puro arbítrio inconciliável com respeito à lei e à pessoa humana". O ilustre Promotor, Dr. Eudo Guedes Pereira, junto com o distinto Juiz, deu a palavra final: "uma peça vazia, inócua e artificial".

Os IPMs, seus prolongamentos e desdobramentos deram sempre bons resultados pecuniários. Alguns oficiais fizeram bons "pés-de-meia". A indústria dos IPMs prosperou bastante durante a ditadura.

Se fôssemos relatar o número de pessoas que tiveram seus lares invadidos e saqueados, tomaríamos centenas de páginas deste modesto livro. Mas estou certo de que outros relatarão essas infâmias. O período 64/84 não pode ser esquecido jamais pelos brasileiros. É uma mancha na nossa história que não pode ser apagada. Deve ser explicada nas escolas, para que este período de trevas jamais se repita. E que voltem a ser cultuadas, em todas as escolas do Brasil, as verdadeiras figuras representativas de nosso Exército, tais como: Rondon, Osório, Floriano Peixoto, Pery Bevilacqua, Manuel Rabelo, Benjamin Constant; de nossa Marinha: Almirantes Álvaro Alberto, Suzano, Paulo Mário; de nossa Aeronáutica: Santos Dumont, Salgado Filho, Teixeira e muitos outros. Dessa forma, as crianças e os jovens estarão aplaudindo nossos verdadeiros soldados e virarão a página de uma história triste, que registra declarações, como a do General Juracy Magalhães, embaixador em Washington: "É bom para o Brasil tudo o que for lucrativo para os Estados Unidos". Que saudades de Floriano Peixoto, o Marechal de Ferro, quando instigado a responder de que forma receberia o desembarque dos marinheiros ingleses em nosso território, respondeu de pronto: – "A bala".

O ÓDIO IRRACIONAL

Há anos que eles tinham um ódio irracional ao povo, principalmente à massa trabalhadora e aos estudantes. Tentaram várias vezes destruir o regime democrático. Aragarças e Jacarecanga foram amostras. Não tiveram, porém êxito. Neste golpe, agora apoiado por potências estrangeiras, derrubaram o regime legalmente constituído e implantaram uma ditadura militar. Pobre Brasil! Pobre povo brasileiro!

A sede de vingança contra os jovens – principalmente contra os mais politizados, por exercerem uma liderança democrática, era inimaginável. Em 1° de abril, em marcha batida, as forças militares partiram para a Praia do Flamengo, em direção à sede da UNE (União Nacional dos Estudantes) e, após metralhá-la em todas as direções, retiraram a coronhadas os últimos estudantes que ali ainda permaneciam. Um dos baluartes da democracia do Brasil era destruído. Morria, também, uma biblioteca, sob o fogo dos vândalos. Ficou reduzida a cinzas. A queima de livros viria a ocorrer mais tarde em vários pontos do território nacional. Os "salvadores da pátria" comemoraram aqui no Rio e em Brasília a grande vitória contra a cultura, contra a educação, contra a democracia. Ainda hoje, quem passar na Praia do Flamengo verá os escombros da Casa do Estudante. É o símbolo de uma época. Um dia será reconstruída, estamos certos.

A UNE foi a primeira etapa. Milhares de livros são queimados em praça pública e outros milhares são apreendidos. Os de capa vermelha principalmente. O juiz-

auditor, José Tinoco Barreto, da Segunda Auditoria da 2ª R.M. mandou queimar cinco toneladas de livros. Centenas de escritores, artistas e professores são presos. Muitos se exilam. A Rádio Nacional sofre imediata intervenção militar. Meia centena de seus funcionários são demitidos. O nosso querido e valente Mário Lago, companheiro de prisão no DOPS (1964), exemplo de dignidade e coerência política, estava na lista.

A Universidade do Brasil (UNB) e o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) são invadidos e suas instalações depredadas. Material de alto valor de seus laboratórios foram espatifados. Reduziram, quase a zero, os departamentos de Física e Química. Microscópios eletrônicos foram quebrados a baionetas. Inúmeros professores são presos e demitidos da Faculdade de Filosofia. Os grandes dedos duros no Rio de Janeiro eram o Professor Eremildo Luiz Viana e a Professora Lucy da Rocha Faria. Os centros de educação e cultura, criados por Paulo Freire, foram dissolvidos. A cada dia cientistas abandonam nosso País. O terror reinava em todos os cantos do Brasil.

A maioria da imprensa americana, destacando-se *Seleções* e *Fortune*, tecem loas ao golpe de Castelo. O embaixador norte-americano – com instruções do Departamento de Estado – considera o golpe de 1° de abril "como o acontecimento social mais importante do Ocidente". Mais importante que o Muro de Berlim ou que a crise de Cuba.

Dentre os patrocinadores e coniventes com essas violências, devemos destacar Castelo Branco; general Golbery do Couto e Silva, empregado da Dore Chemical; o ex-Ministro da Educação, Francisco Campos, autor da Constituição fascista do Estado Novo; Carlos Medeiros; Alfredo Buzaid; Armando Falcão; Roberto Marinho, diretor proprietário de "O Globo"; Ernesto Geisel; Costa e Silva; Orlando Geisel; Antonio Gama e Silva; etc. De quebra o general Taurino de Resende, chefe da Comissão

Geral de Inquéritos. Este militar arrependeu-se, depois, das suas violências e demitiu-se do cargo. Seu filho era do lado do Brasil.

O dinheiro, de parte dos americanos, corria solto, e Otávio Gouvêa de Bulhões e Roberto Campos, ministros da Fazenda e do Planejamento, respectivamente, negociaram nossa dívida externa e religiosamente a pagavam de acordo com o que os banqueiros determinavam. Por isso receberam vários milhões de dólares de empréstimo. Como agrado, foi dado um grande aumento aos militares. Pagar a dívida externa como quis Collor e seus serviçais é absurdo. Não devemos pagá-la indefinidamente. Já a pagamos várias vezes. Sacrificar o povo por uma dívida inexistente não tem o menor sentido. É um crime.

Rocha Lagoa, velho charlatão, quase acaba com o Instituto de Manguinhos. Mário Schemberg é preso e torturado em São Paulo. Sofre humilhações o cientista Walwick Ken. Mais prisões, mais violências, mais vinganças.

Como disse linhas atrás, o ódio deles à cultura era centenário.

A perseguição aos jovens estudantes era norma diária. O estudante paraense Edson Luiz é morto por militares nos arredores do quartel da Aeronáutica, no Rio, quando participava de uma pacífica manifestação de protesto pela reabertura do restaurante que fornecia alimentação para a estudantada. Cem mil pessoas compareceram ao seu sepultamento, e nesta cerimônia milhares de cidadãos foram agredidos e, aproximadamente, quinhentos foram presos.

A responsabilidade pela morte de Edson jamais foi apurada. Dizem uns ter sido a CISA, e outros, ter sido da responsabilidade do Ministério de Aeronáutica. Fico pela 2ª hipótese.

Paramos aí. Isto é amostra, bem pequena, do Brasil da "Redentora". Aconselho os leitores a lerem o livro "Brasil: Nunca Mais". Excelente! Um dicionário completo dos fatos sujos do período ditatorial.

OS PRINCIPAIS ÓRGÃOS DE REPRESSÃO

1 – Exército, Marinha e Aeronáutica, de um modo em geral;

2 – Polícias militares estaduais;

3 – Polícias Civis dos Estados, tipo DOPS;

4 – Polícia Federal;

5 – Centro de Informações do Exército (CIEX):

6 – o BAN, os DOIs e os CODIs do Exército (altamente especializados em torturas);

7 – CENIMAR da Marinha de Guerra (considerado o mais sofisticado em violência na América Latina);

8 – CISA da Aeronáutica Militar (centro de violência onde havia militares com curso nos Estados Unidos da América do Norte);

9 – A PIDE (Polícia Militar Internacional em defesa do Estado), a conhecida polícia de Portugal, que sustentou os famigerados governos de Salazar e Caetano, deu uma substancial colaboração à ditadura brasileira. Em particular na perseguição aos estudantes (bolsistas) angolanos que aqui faziam vários cursos. Seu agente-Chefe no Brasil chamava-se Passos. A partir de 1° de abril de 64, todos os estudantes vindos das colônias portuguesas, e pessoas a eles ligadas, foram presas a mando de Lacerda, o "democrata". Muitos deles sofreram as mais variadas torturas. Residências foram invadidas e saqueadas e vários cidadãos foram devolvidos à PIDE.

O encarregado do inquérito Policial Militar, controlado pela PIDE, que investigava a questão "angolana", era presidida pelo capitão de corveta Heni Fabiano Soares.

De todos os órgãos de repressão, o classificado pelos "experts" como merecedor do primeiro lugar em torturas, sevícias e barbaridades, foi o CENIMAR, da Marinha de Guerra do Brasil. Isto me faz lembrar a gloriosa Revolução da Chibata, em 1910, comandada pelo bravo marujo João Cândido, que eliminou este castigo atroz. Dezenas de marinheiros foram seviciados e mortos naquela época. Os tempos não mudaram.

Estes órgãos de repressão tinham figuras altamente especializadas. A tortura foi institucionalizada em nosso país. Vejamos alguns depoimentos:

"(...) mas, no fato de se ministrarem aulas a este respeito, sendo que, em uma delas o interrogado e alguns de seus companheiros serviram de cobaias, aula esta que se realizou na PE da GB, foi ministrada para cem (100) militares das Forças Armadas, sendo seu instrutor um ten. HAYTON daquela U.M.; que à concomitância da projeção dos "slides" sobre torturas elas eram demonstradas na prática, nos acusados...".

Mais adiante a declaração de um novo preso político:

"(...) Que quando esteve na PE-GB o interrogado e seus companheiros serviram de cobaia a demonstrações práticas de torturas em aulas ministradas a elementos das Forças Armadas; (...)".

E, ainda mais: "De abuso cometido pelos interrogadores sobre o preso, a tortura no Brasil, passou, com o Regime Militar, à condição de "método científico", incluído em currículos de formação de militares. O ensino deste método de arrancar confissões e informações não era meramente teórico. Era prático, com pessoas realmente torturadas, servindo de cobaias neste macabro aprendizado. Sabe-se que um dos primeiros a introduzir tal pragmatismo no Brasil, foi o policial norte-americano Dan Mitrione, posteriormente transferido para Montevidéu, onde acabou seqüestrado e morto" pelos gloriosos Tupamaros. "(...) Quando instrutor,

em Belo Horizonte, nos primeiros anos do Regime Militar, ele utilizou mendigos recolhidos nas ruas para adestrar a polícia local. Seviciados em salas de aula, aqueles pobres homens permitiam que os alunos aprendessem as várias modalidades de criar, no preso, a suprema contradição entre o corpo e o espírito, atingindo-lhe os pontos vulneráveis". (Brasil: Nunca Mais).

Deveria ser obrigatória a leitura da "Carta dos Direitos Humanos" em todos os quartéis, navios, e bases da Aeronáutica. Ter afixada em suas dependências a frase: "Ninguém será submetido à tortura nem a tratamento ou castigo desumano ou degradante".

OS INSTRUMENTOS DE TORTURA

Amadeu Rocha, nosso companheiro e um dos dirigentes da guerrilha, já falecido, relata-nos no livro "A Guerrilha de Caparaó", do brilhante e valente jornalista Gilson Soares, publicado em 1980, os métodos de sevícias utilizados nos vários centros de tortura pelos órgãos de repressão. Muitos desses tipos de tortura, Amadeu sofreu quando esteve em várias prisões do Exército. Ei-los:

Choques

"Primeiro, com dois fios que são amarrados nas orelhas e depois feitas várias combinações, tais como orelha-pênis, orelhas-dedo do pé ou mão. Depois com três fios amarrados nas orelhas e no pênis, variando também as combinações. A *sessão* prossegue com quatro fios ligados, por exemplo, no pênis, orelha, dedo do pé e mão. A seguir o choque elétrico é produzido por cinco fios, todos ligados, ao mesmo tempo, em várias partes do corpo".

"Além disso, são feitos *choques elétricos em grupo:* diversos fios amarrados em várias pessoas. Este choque é chamado "Dança dos Eléctrons": duas ou mais pessoas amarradas abraçadas, recebem fios ligados ao pênis, orelhas, dedos dos pés ou mãos. São feitas, neste tipo de choque, as mesmas combinações das outras modalidades de torturas elétricas".

"Os torturadores empregam a energia elétrica produzida por "magneto", que dão o nome de Maricota, ou a energia

gerada pela Light. O indivíduo é torturado nu, algemado com as mãos para trás e vez por outra jogam água no chão, onde ele está deitado".

Sarcófago

"Trata-se de um cofre de ferro, grande, com diversos compartimentos. Numa das gavetas, com espaço de 80 por 80 centímetros, colocam o indivíduo em "posição fetal" – cabeça entre as pernas – por longo espaço de tempo e, de vez em quando, aplicam choques elétricos ligando os fios ao cofre.

É uma das mais violentas torturas, pois, decorrido algum tempo, o torturado começa a sentir câimbras e muitas dores. Ao sair dali é necessária imediata intervenção médica. Os prisioneiros jamais recebiam qualquer assistência médica em tais centros de torturas".

Telefone

"Pancadas simultâneas, com as mãos espalmadas, nos dois ouvidos".

Cirurgia

"Consiste em ameaçar castrar o indivíduo".

Fuzilamento

"Altas horas da noite, o preso era levado para lugares distantes, como Alto da Boa Vista, Barra da Tijuca, Recreio dos Bandeirantes. A retirada do DOI é precedida de uma série de formalidades para dar autenticidade à operação fuzilamento".

Gás lacrimogênio

"Granadas de Gás lacrimogêneo são atiradas dentro da sala de tortura onde o indivíduo vai passar a noite".

Grades

"Penduram o indivíduo nas grades de uma janela ou porta, deixando-o apenas tocar as pontas dos dedos dos pés no chão".

Palmatória

"Batem com uma palmatória na planta dos pés ou na palma das mãos".

Pancada nas unhas

"Com uma pistola Colt 45 ou um martelo de madeira, os torturadores golpeiam os dedos das mãos do torturado em cima das unhas".

Queimadura com cigarros ou charutos

"Os torturadores, às gargalhadas, encostam cigarros ou charutos acesos em determinadas partes do corpo do preso, particularmente nas costas e nas nádegas".

Fogo nos olhos

"Com uma vela acesa ou isqueiro é liberado gás de uma bisnaga, semelhante a uma lança-perfurme, que, ao atingir a labareda, produz a chama, a qual e jogada nos olhos do indivíduo".

Ginástica

"O preso é obrigado, a socos e pontapés, a fazer ginástica, principalmente o "canguru", até cair sem forças".

Coroa de Cristo

"Trata-se de uma coroa, feita de um aro de ferro forrado de couro e tendo, nas suas extremidades, parafusos. É colocada na cabeça e atarrachada com força. Esta tortura pode causar a fratura do crânio".

Afogamento

"Amarram um pano, bem apertado, tapando a boca e o nariz do torturado e quando este está quase asfixiado, jogam água sobre o pano com uma mangueira. Ao cair a água, o pano fica encharcado obrigando o indivíduo a aspirar com força, provocando uma espécie de afogamento".

Socos e chutes

"Chutar e esmurrar com socos e pontapés, principalmente nos órgãos genitais".

Geladeira

"Trata-se de um compartimento, com aproximadamente 2 metros de altura, 1 metro e 70 centímetros de comprimento e 1 metro de largura, pintado de preto com luz fortíssima, a prova de som e sistema de fonia interno. A porta é idêntica à de uma geladeira, possuindo, ainda, ar refrigerado e quente, além de um sistema de apitos estridentes. A permanência lá é chamada de "continuados".

"Um oficial torturador, pertencente ao CENIMAR, amestrou um cão pastor, Ringo, para morder os testículos dos prisioneiros até que ele mandasse parar".

Esta é apenas uma pequena amostra dos tipos de instrumentos de tortura usados pelos salvadores da pátria.

Os crápulas que confeccionaram e utilizaram esses instrumentos de tortura, segundo minha interpretação, não nasceram no ventre materno. Por pior que seja a mãe não geraria figuras tão sinistras.

Os pesquisadores do futuro dirão a palavra final. Espero, com meus 77 anos, ainda conhecer os resultados desta preciosa análise no campo da Biologia.

Eis uma tortura diferente, copiada dos indonésios:

"O grupo *Para-Sar* da FAB (Força Aérea Brasileira), que fora criado com a finalidade de realizar salvamentos, tornou-se;

sob o comando de um Brigadeiro tarado, irresponsável e nazista, de nome Bournier, acolitado por alguns oficiais e sargentos do mesmo naipe, um instrumento de terror". Este bando engendrou um grande plano terrorista a ser posto em prática na cidade do Rio de Janeiro: a explosão dos depósitos da Companhia de Gás, da represa de Ribeirão das Lajes, na hora de maior movimento. Estas explosões seriam atribuídas aos comunistas e oposicionistas ao Governo pró-Estados Unidos estabelecido em 1964. Se estas destruições fossem consumadas, morreriam 100.000 (cem mil) pessoas. Paralelamente, prenderiam meia centena de políticos "irrecuperáveis para a democracia", como diziam; colocá-los-iam em um avião da FAB e os lançariam ao mar, bem distante da costa brasileira. Eu, segundo me informaram, seria um dos premiados.

O plano foi denunciado pelo Capitão aviador Sérgio Miranda de Carvalho (Sérgio Macaco)* e por vários sargentos. O pretendido crime, graças à denúncia destes dignos militares, não foi executado. Aos mandantes nada aconteceu, alguns receberam promoções acompanhadas de luzidias medalhas. Era um dos chefes da Aeronáutica o marechal Eduardo Gomes.

Penitencio-me, até hoje, por ter dado meu voto a este militar para Presidente da República. Fantasiava-se de democrata, mas era realmente da direita. Viva a "Redentora"!

O digno e corajoso capitão, exemplo de militar, foi perseguido, expulso da Aeronáutica, e sofre, até os presentes dias, as conseqüências de seu ato heróico.

Oxalá um dia sejam, todos aqueles que, covardemente, valeram-se da força para cometer todo tipo de agressão ao ser humano, julgados e levados à prisão, como aconteceu nos países que sofreram as violências nazistas.

---

* Já falecido.

Hitler não foi esquecido. Aqui, também, é necessário que Castelo, Costa e Silva, Médici, Geisel, Figueiredo e seus ordenanças civis e militares não sejam olvidados. Pelo menos cadeia para os vivos é o que pedimos.

AMADEU DE ALMEIDA ROCHA

Um dos dirigentes da guerrilha. Nasceu na cidade de Montes Claros, no Estado de Minas Gerais. Tinha 33 anos. Pertenceu aos quadros do Partido Socialista Brasileiro, onde exerceu a função de Secretário Regional (RJ). Era também do quadro de professores do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros). Casado, pai de três filhos. Durante 45 dias no Exército sofreu inúmeras torturas.

AMADEU FELIPE DA LUZ FERREIRA

Nasceu em Santa Catarina. Pertencia aos quadros do Exército, tendo sido cassado no primeiro ato do ditador Castelo. Ex-sargento, era o comandante militar da guerrilha. Figura altamente prestigiada pelos seus companheiros, apesar dos seus 26 anos de idade.

HERMES MACHADO NETO

Tinha apenas 25 anos quando decidiu-se a participar na luta armada para libertar nossa gente de Castelo e seus asseclas. Especialista em cartografia, da melhor qualidade, foi encarregado do levantamento da região de Caparaó. Solto em 1969, foi outra vez condenado. Foi libertado somente em 1979.

BAYARD DEMARIA BOITEUX

Velho militante do PSB. Foi presidente regional desta agremiação política. Posteriormente foi eleito secretário geral

nacional. Após o golpe de estado até o fechamento do PSB, assumiu sua presidência em razão do senador Aurélio não ter mais comparecido ao Partido. Professor. Esteve exilado na Argélia e Portugal. Era dirigente no Brasil do MNR (Movimento Nacional Revolucionário). Tinha o cognome de Dr. Araujo.

AVELINO BIONE CAPITANI

Natural do Rio Grande do Sul, ex-marinheiro de 1ª classe da Marinha de Guerra, aos 26 anos ingressou em nossa luta. Após a condenação foi transferido para o Rio de Janeiro. Liderou, com bravura, a fuga de presos da Penitenciária Lemos de Brito. Era ex-diretor da Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil. Era o subcomandante da nova frente que deveria ser instalada no estado do Espírito Santo.

MILTON SOARES DE CASTRO

Era, como Capitani, natural do Rio Grande do Sul e tinha 30 anos quando foi preso.

Morreu enforcado no Presídio de Linhares (23/04/67), após interrogatório presidido pelo capitão Ralph Grunewald Filho e outros oficiais. As autoridades militares sempre se negaram, apesar dos reiterados pedidos de sua mãe, a entregar seu corpo. Os jornais deram destaque especial a esta morte, naquela época, exigindo esclarecimentos completos. Nada foi realizado.

EDIVAL AUGUSTO DE MELO

Nascido na cidade de Pão-de-Açúcar (Alagoas). Tinha sua origem na Marinha de Guerra. Quando foi demitido pelo AI nº 2, era 2º sargento. Aos 32 anos foi presidente do Clube dos Sargentos da Marinha, onde tinha grande liderança.

JUAREZ ALBERTO DE SOUZA MOREIRA

Um dos mais brilhantes oficiais paraquedistas do Exército, foi reformado, no posto de capitão, pelo AI nº 1. Natural do Rio de Janeiro, casado, com dois filhos. Exerceu função de destaque na localização dos focos de guerrilha a serem implantados.

GREGÓRIO MENDONÇA

Natural do Rio de Janeiro. Recebeu instruções militares no exterior. Dava também, na Chácara do Fundão, ensinamentos militares. Foi novamente preso, sendo somente libertado em 1979, às vésperas da Anistia.

ARAKEN VAZ GALVÃO

Araken foi reformado pelo AI nº 1, como sargento. Esteve exilado no Peru e no Uruguai. Era baiano. Nasceu na cidade de Jequié. Tinha 30 anos de idade. Esteve preso na Fortaleza de Santa Cruz, tendo dela fugido. Após o exílio ingressou no nosso movimento.

DEODATO FABRÍCIO BATISTA

Gaúcho, ex-3º sargento do Exército. Havia sido cassado anteriormente. Tinha 26 anos de idade. Era natural do Rio Grande do Sul. Nos acampamentos da Serra chegou a perder 18 kg, nos últimos quatro dias.

AMARANTO JORGE RODRIGUES MOREIRA

A Marinha de Guerra colaborou com alguns patriotas, como vimos, para essa grande luta. Amaranto era marinheiro cassado pelo AI nº 2. Tinha 24 anos de idade. Teve um desempenho importante escrevendo o "Diário de Campanha", que trouxe muitos subsídios para nosso trabalho.

JORGE JOSÉ DA SILVA

Também pertencente aos quadros da Marinha de Guerra. Ingressou no nosso movimento armado, o cabo Jorge, aos 32 anos. Era paraense. Estava a par das finanças da guerrilha.

ITAMAR MAXIMIANO GOMES

O AI nº 1 atingiu grande número de militares, dentre eles, o subtenente Itamar. Itamar é carioca e, logo após a queda de Goulart, esteve exilado na Bolívia. Integrou-se, posteriormente, na luta armada. Nessa época tinha 38 anos.

JOSUÉ CEREJO GONÇALVES

Nascido no Rio de Janeiro, ingressou no Exército, atingindo o posto de sargento. Era rádio operador. Ingressou na guerrilha aos 25 anos. Havia sido expurgado pelo AI nº 5.

ANIVANIR DE SOUZA LEITE

Ex-sargento também reformado pelo AI nº 1. Teve a pena de dois anos de prisão por haver alugado de um parente (tio) um sítio em Caparaó para acampamento dos guerrilheiros, onde ocorreram os primeiros treinos militares. Sua pena foi mantida pelo STM.

JELCY RODRIGUES CORREIA

Subtenente, natural do Rio Grande do Sul, era o responsável pela guarda do material de guerra do grupo de Caparaó. Fora cassado pelo famigerado AI nº 5.

Tinha 27 anos quando ingressou no movimento.

Jelci foi um dos primeiros guerrilheiros a serem presos.

OS TRABALHADORES E "A REDENTORA"

Com a renúncia de Jânio Quadros, após 7 meses de governo, a 25 de agosto de 1961, assumiu o vice-presidente da República, João Goulart, em condições muito difíceis, pois os ministros militares tinham vetado sua posse por influência do governo norte-americano. Viu-se forçado a aceitar inicialmente o Parlamentarismo, mas através de plebiscito fez voltar o Presidencialismo. Convidou eminentes homens públicos para seu governo. Medidas importantes para o nosso povo foram tomadas por este eminente homem público. Em 1963, é promulgada a lei criando o *Estatuto do Trabalhador Rural*, destinado aos assalariados do campo. Esta importante lei assegurou a sindicalização e os principais direitos dos trabalhadores urbanos. Jango, na defesa contínua dos que trabalham, quer na cidade, quer no campo, estende os benefícios da Previdência Social aos trabalhadores rurais, e, mais ainda, institui a escala móvel para a revisão de salários. Como diz Darcy Ribeiro, "Foi de Jango a primeira tentativa histórica responsável de reformar nossas instituições, para que o Estado brasileiro sirva ao povo brasileiro".

Jango é deposto por generais fascistas a serviço da CIA. Começa a caça às bruxas. É nomeado Ministro do Trabalho Arnaldo Sussekind, o serviçal incondicional de Castelo. Inicia-se, então, a intervenção nos sindicatos. Cerca de mil sindicatos são atingidos e o pelego Ari Campista, em eleições forjadas, alcança a presidência da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria. De lá é deposto por corrupção

("roubava pouco"). Os trabalhadores perdem a estabilidade no emprego com a criação do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), satisfazendo, assim, a burguesia e, em particular, as multinacionais.

Não foram só leis contra os trabalhadores. Não foram só milhares de intervenções em sindicatos, federações e confederações. Centenas e centenas de trabalhadores foram presos, torturados, seviciados e mortos nos calabouços das forças armadas, das polícias militares e até de entidades particulares ligadas ao governo. Foram comprovadas as denúncias sobre a existência de cárceres privados secretos nos porões do Museu da República (Palácio do Catete), para onde eram levadas e torturadas pessoas envolvidas em IPMs. O chefe deste grupo de torturadores era o funcionário da Caixa Econômica Márcio Monteiro de Carvalho. Ele se dizia coronel do Exército.

Vejamos alguns casos de tortura, para que os trabalhadores conheçam e guardem, com clareza, o que representaram estes 20 anos de ditadura que se estenderam de Castelo a Figueiredo e teve seu prolongamento no governo da figura de José Sarney e de seus serviçais civis e militares:

MÁRIO ALVES

Foi trucidado numa seqüência de torturas, que incluíam a raspagem de sua pele com uma escova de aço e o suplício medieval do empalamento, sem que até hoje o Regime Militar tenha admitido sua morte, ocorrida no Quartel da Polícia do Exército, na Rua Barão de Mesquita, Rio de Janeiro, em janeiro de 1970. (Cf. Brasil: Nunca Mais).

EDUARDO LEITE (Bacuri)

Bacuri foi preso em agosto de 1970, no Rio de Janeiro, como integrante da ALN, pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury e agentes do CENIMAR, sendo submetido a

inomináveis torturas até dezembro, quando o seqüestro do embaixador suíço levou seus algozes a executá-lo para evitar sua libertação, divulgando uma inaceitável versão de morte durante tiroteio. (Cf. Brasil: Nunca Mais).

IVAN PEREIRA CARDOSO

"O processo em questão teve início com o suicídio, segundo os autos, do 3º sargento Ivan Pereira Cardoso, daquele Regimento, no dia 4 de abril, imediatamente após ter sido interrogado por um capitão da S-2 (Serviço Secreto), Luiz Carlos Zamith, que curiosamente tem o mesmo sobrenome de um dos maiores torturadores do Rio de Janeiro, José Ribamar Zamith, apontado como autor do seqüestro do bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hipólito, após muitos anos de violência contra presos políticos no DOI-CODI do I Exército". (Cf. Brasil: Nunca Mais).

JOSÉ DE SOUZA

A polícia do governador Carlos Lacerda, conhecida por suas violências, pois já havia assassinado impunemente dezenas de mendigos, afogando-os no Rio da Guarda, cometeu crime assim noticiado pelo Correio da Manhã, de 18 de abril de 1964: "O operário José de Souza, membro do Sindicato dos Ferroviários, que se encontrava para averiguações no DOPS, atirou-se do terceiro andar do prédio da Polícia Central vindo a falecer". Nada foi apurado. Posteriormente, o portuário Astrogildo Pascal Viana, dirigente comunista, suicidou-se. O general Geisel, nas suas minuciosas investigações, nada sabia. Mais suicídios de que temos notícia: Pedro Domingos, funcionário dos Correios na Bahia, suicidou-se ingerindo tóxico, na 6ª Região Militar; o sargento Bernardino Saraiva, 19º RI de São Leopoldo (RS), suicidou-se com uma bala no crânio.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA

O sargento Manuel Alves de Oliveira nasceu em Sergipe em 1934. Faleceu em 8 de maio de 1964. A morte do referido sargento foi imediatamente considerada suspeita. Abriu-se um "inquérito". Os depoimentos dos médicos do hospital onde esteve internado eram complicados. Palavras e só palavras. Termos técnicos. Linguajar incompreensível. Da autópsia: "(...) Ferida cicatrizada na face externa do terço médio da perna direita, pequenas lesões punctiformes, etc., etc., e quatro pequenas escoriações na região lombar.

"Reza, finalmente, a certidão de óbito, passada no registro por José Alves Linhares, que a causa mortis é indeterminada e que o corpo foi enterrado no cemitério do Murundú". O encarregado do inquérito foi o coronel Caiado de Castro. Nada apurado. Mais vivas à "Redentora".

BARBARIDADES EM CRIANÇAS E MULHERES

"As violências atingiam homens, mulheres e crianças. Assim, crianças foram sacrificadas diante dos pais, mulheres grávidas tiveram seus filhos abortados, esposas sofreram para incriminar seus maridos".

Vejamos algumas desta violências retiradas do livro Brasil: Nunca Mais, colocando apenas as iniciais das pessoas atingidas.

Ao depor como testemunha-informante na Justiça Militar do Ceará, em 1973, a camponesa M.J.S.B., de Japurá, contou:

"... e ainda levaram seu filho para o mato, judiaram com o mesmo, com finalidade de dar conta de seu marido, que o menino se chama F.S.B. e tem a idade de nove anos; que a polícia levou o menino às cinco horas da tarde e somente voltou com ele as duas da madrugada mais ou menos".

A professora M.M.P.S., de 26 anos, esposa do estudante J.C.N.M.M., morto pelos órgãos de segurança, narrou ao Conselho da Auditoria Militar de Minas Gerais, em 1973:

"... que foi presa no dia 21/10/73, juntamente com seu filho menor (E), de 4 anos de idade; que o motivo da prisão era que a interrogada desse o paradeiro de seu esposo...".

Bonecker e seus serviçais civis e militares invadiram minha própria casa, depredaram a biblioteca e, mais ainda, estes facínoras tentaram jogar uma granada na cama de meu filho de cerca de dois anos.

CAUSAS DA GUERRILHA DE CAPARAÓ

Jânio Quadros é empossado, em 31 de janeiro de 1961, como presidente da República, tendo como vice-presidente João Belchior Goulart.

Teve o novo presidente um estilo de governo cheio de contradições. Reatou relações diplomáticas com a China, condecorou Che Guevara e recusou-se a apoiar a iniciativa dos Estados Unidos de expulsar o Governo de Cuba da OEA. Paralelamente, submeteu-se às exigências do FMI, tendo como padrinho a figura de Roberto Campos. Cortou totalmente os subsídios a produtos que eram importados, favorecendo, com isso, grande número de empresas estrangeiras e prejudicando enormemente a PETROBRÁS. Era um louco varrido, exímio profeta, demagogo, irresponsável, falso puritano.

Em 25 de agosto, após 7 meses de governo medíocre, renunciou ao mandato de presidente da República com o seguinte bilhetinho; "Nesta data e por este instrumento, deixando com o ministro da Justiça as razões do meu ato, renuncio ao mandato de presidente da República".

Pensava que iriam buscar-lhe de volta de braços abertos. Deram-lhe um merecido chute. Os udenistas, inclusive o "impoluto" Carlos Lacerda, soltaram foguetes. Iriam tentar assaltar o poder. Exultavam de prazer.

Os ministros militares vetavam a posse de Jango, vice-presidente, que estava em missão governamental na China. Eram aspirantes a ditadores. Brizola deu um basta e ficaram de bico calado. Houve conciliação geral. Jango teve que

aceitar um regime parlamentarista de meia-tigela, que procurava diminuir seus poderes. Para completar a grande farsa, Tancredo Neves, o amigo dos generais, é escolhido 1° ministro.

Jango começou muito bem seu governo. Figuras exponenciais do cenário político foram nomeadas para a maioria dos postos de destaque.

Imediatamente é aprovada a lei da PETROBRÁS. O IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), financiado pela CIA e seus serviçais civis e militares, encabeçados por Lacerda, continua a campanha de difamação contra Jango. Milhões e milhões de dólares são recebidos por esta organização.

O governo norte-americano prestigia as ações do IBAD. Jango dá plena liberdade de imprensa e, apesar das investidas de seus detratores, ensinava democracia. A Igreja do Papa João XXIII prestigia os padres progressistas brasileiros. O nosso cardeal apóia o novo governo ditatorial e nada faz pelos perseguidos políticos. Silêncio absoluto. Até hoje é cidadão de direita, perseguindo os padres progressistas. Os estudantes, liderados por Aldo Arantes, Vinícius Caldeiras Brant e José Serra e muitos outros, realizando reuniões, congressos, comícios, estão na vanguarda dos movimentos pelas transformações sociais em nosso país. Darcy mantinha-se na Universidade de Brasília. O Brasil marchava para frente apesar dos Adautos, Lacerdas, Balieiros, Célios Borjas e outros serviçais do anti Brasil. Têm eles como companhia efetiva Júlio Mesquita e Assis Chateaubriand, proprietários do "Estado de São Paulo" e dos "Diários Associados", respectivamente. Ambos representantes autênticos dos interesses estrangeiros no Brasil.

O plano trienal contra a inflação, elaborado por Celso Furtado, é aprovado. Jango trabalha para sua gente. Não esmorece.

É implantado em Washington o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), com auxílio direto do governo americano, tendo como meta depor o governo constitucional de João Goulart. Lacerda ("O Corvo", como era chamado) sempre ao lado dos interesses antinacionais. Os dólares corriam.

Na operação deposição, nitidamente de extrema direita, destacavam-se os seguintes conspiradores contra os interesses nacionais: generais Ernesto Geisel, Agostinho Corte, Golbery, Jurandyr Mamede, Castelo Branco (chefe), Cordeiro de Farias, Eduardo Gomes, mais os testas-de-ferro: Antonio Galloti, Cecil Poland, Gilcon de Paiva, Garrido Torres, Delfin Netto, Roberto Campos e Mário Henrique Simonsen. E mais centenas e centenas de civis e militares somente nascidos no Brasil.

Em 1962, o regime parlamentarista, submetido a votos, é fragorosamente derrotado e, portanto, revogado.

Jango continua na sua luta nacionalista tomando inúmeras medidas pelo bem-estar do nosso povão.

Em janeiro de 1964 - ano perigoso – o eminente Presidente regulamenta a Lei de Remessa de Lucros e manda que seja imediatamente posta em execução.

Washington e seus serviçais no Brasil, tendo sempre como dirigentes Castelo e Lacerda, começaram a preparar a deposição de Jango. Organizam "Marchas com Deus pela Liberdade" em São Paulo e Rio de Janeiro. Comparece a fina flor da reação. O dinheiro corre solto. O comércio de velas em franco progresso.

Castelo mente diariamente a Jango, informando que tudo está bem. Homem de sua confiança, pois fora nomeado por ele, apesar de muitos restrições de vários militares. O Presidente diria mais tarde: "Um traidor perfeito e refinado". "Nenhum de seus colegas generais, apesar de meus inimigos, não tiveram procedimento tão vil".

Afonso Arinos, chefe da reação udenista, pede auxílio à marinha americana por intermédio do embaixador do USA, Lincoln Gordon. A esquadra chega ao Brasil e já navegava no litoral do Espírito Santo. Era assim composta: porta-aviões Florestal e um porta-helicópteros, seis torpedeiros de apoio, quatro petroleiros, sete aviões de carga C-52, oito aviões-de-caça, mais oito aviões-tanques e um avião de comando aéreo, que portava cento e dez toneladas de armas e munições.

Segundo consta, não temos detalhes, havia outra esquadra nas águas pernambucanas. Os traidores estavam em toda parte. No norte, no sul, no centro, como veremos mais adiante.

O golpe patrocinado pelos americanos e seus serviçais brasileiros estava previsto para irromper em 31 de maio. Por razões que desconhecemos, iniciou-se em 1° de abril, comandado, de Minas Gerais, pelo general Olímpio Mourão Filho, mais conhecido como "vaca fardada", líder integralista, homem completamente sem moral e sem escrúpulos. Foi quem arquitetou, em 1937, o chamado Plano Cohen. Getúlio Vargas, apesar de sabê-lo falso, dele se utilizou para dar o golpe fascista do Estado Novo. A tropa de Mourão, com um simples sopro, debandaria. Soldados sem preparo. General incompetente, traidor de primeira água. O banqueiro Magalhães Pinto estava a tiracolo de Mourão, distribuindo o dinheiro a rodo proveniente das economias dos brasileiros.

No Rio e Brasília, confusão generalizada. Jango, hesitante, parte para Porto Alegre. Brizola – tendo procedimento impecável – tenta reagir. Jango hesita, e quem hesita está perdido. Foge para o Uruguai (Montevidéu). Brizola resiste até o limite possível. Sem outra alternativa, deixa então o país. Vai lutar no exterior. No Rio, a resistência é desorganizada. Muitos dos que deviam reagir, nada fizeram. Aragão e outros hesitam. Não dão um tiro. Confusos ou covardes? A batalha estava perdida. Os americanos e seus

pupilos tinham vencido, para desespero dos patriotas brasileiros.

O Presidente João Belchior Goulart é deposto, não pelo seus defeitos, mas sim pelas grandes qualidades em defesa de nossa sofredora gente. Era o amigo número um dos trabalhadores da cidade e do campo. Infelizmente cometeu o erro gravíssimo de não resistir como preconizava Brizola. Se houvesse resistido, não haveria um quarto de século de trevas em nosso país e milhares de companheiros não teriam desaparecido. Jango poderia ter mudado a história do Brasil. Fracassou.

"A REDENTORA"

O dia 1º de abril de 1964 vai ficar na história do Brasil como o dia da traição. Jamais será esquecido. Deve ser ensinado nas salas de aulas a todas as crianças e jovem o que representou esta intentona e os 20 anos desgovernados que se seguiram em nossa Pátria. Foi uma das mais sinistras ditaduras que os americanos do norte impuseram à nossa América. Atraso de um século no desenvolvimento brasileiro. É a voz geral.

O traidor Castelo Branco, após cambalachos com o ex-presidente Juscelino Kubitschek, tem seu apoio para ser eleito "presidente". J.K, após aplaudi-lo na Câmara, é cassado por Castelo. Homem de caráter este General Castelo Branco, ex-chefe do Estado Maior de Jango. Figura impoluta... Mesmo caminho seguem anos depois seus ordenanças Ademar de Barros e Carlos Lacerda. Os apunhaladores foram apunhalados. Vinho da mesma pipa. Farinha do mesmo saco. Apareciam agora os escândalos de Lacerda e seus serviçais: Compra da Light (dos bondes), instalação dos ônibus elétricos, escândalo da venda de café. Nada apurado. Deixaram fortunas fabulosas quando faleceram. É claro que os milhões de dólares foram adquiridos com oito horas de trabalho diário... Parece que ainda faziam horas extras...

Através do jornal "Tribuna de Imprensa" caluniava seus adversários. Mentira a torto e a direito. O dinheiro corria em cascata.

Os "dedos duros" surgiram, como sempre, em todos os pontos do território nacional. Prisões e mais prisões se

seguiam. Constituição rasgada. Violência e mortes de norte a sul. Direitos políticos cassados. Partidos (PSB) invadidos e saqueados. Enfim, terror e mais terror. Até crianças eram sacrificadas, presas e mortas. Ulisses Guimarães, "o homem das diretas" redige um anteprojeto pedindo a cassação dos direitos políticos dos chamados subversivos por 15 anos. Homem democrata, como se vê. Arrependeu-se. Ao que parece. Ainda bem. Hoje grande cidadão.

A imprensa americana saúda em suas primeiras páginas a queda dos "comunistas". No Rio, o vanguardeiro das denúncias é "O Globo", jornal de Roberto Marinho. Serve a todos os governos. Jornalista "marrom".

Resumindo as principais medidas tomadas por Castelo, Geisel, Costa e Silva, Rademaker e Delfin, aconselhadas pelos patrões americanos:

1°- Revogação da Lei de Remessa de Lucros.
2°- Revogação da Lei de Estabilidade de Empregos.
3°- Negociação da dívida externa brasileira nos moldes dos banqueiros internacionais encabeçados por Roberto Campos e Otávio Gouvea de Bulhões.
4°- Suspensão dos subsídios ao trigo, papel e petróleo.
5°- Decretos privilegiando a Light.
6°- Devolução das refinarias de petróleo.
7°- Direito de greve "legal".
8°- Fechamento e intervenção em milhares de federações e sindicatos.
9°- Criado o SNI (Serviço Nacional de Informações).
10°- Entrega dos levantamentos geológicos feitos no Brasil ao Serviço Geológico dos Estados Unidos.
11°- As Forças Armadas Brasileiras enviadas, a mando dos americanos, à República Dominicana – contingente de soldados para prestigiar e garantir a ditadura.
12°- Redução dos salários dos trabalhadores (Lei 4.725).

13°- Promulgada a Lei Suplicy, que torna legal a perseguição, expulsão e demissão de estudantes e professores e a intervenção nas universidades.

14° - É fechada a PANAIR do Brasil para facilitar a VARIG.

15° - É criado o FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço) com o objetivo de extinguir a estabilidade do trabalhador.

16° - Intervenção no Rio de Janeiro, Pará e Goiás.

17° - Intervenção na Argentina, Uruguai e Paraguai, para prender exilados políticos brasileiros. A recíproca era verdadeira.

O "Correio da Manhã" e a "Última Hora" são os únicos jornais que combatem vigorosamente a ditadura. Niomar, Muniz, Cony, Márcio, Calado e muitos outros, com a maior bravura, desmascaram, nacional e internacionalmente, os vendilhões da pátria que estão loteando o patrimônio nacional.

A briga é grande entre os vendilhões do templo: Ademar de Barros é deposto sob uma situação humilhante. Costa e Silva impõe-se como candidato a sucessor de Castelo. O carreirista Carlos Lacerda, eterno candidato à presidência da República, por briga de copa e cozinha, é cassado. Os militares que o aplaudiam agora o apupam e pedem sua prisão e cassação. Debatera contra Castelo. Forma, posteriormente, uma Frente Ampla para combater o governo que ele ajudou a constituir a ferro e fogo. Cínico e farsante. J.K. e Jango, infelizmente, embarcam nesta canoa furada. Brizola repele-a com veemência. E na Argélia, todos nós, da esquerda, inclusive Arraes, não aceitamos sob nenhuma hipótese. Ninguém acredita neste "novo" democrata. Traidor conhecido e demagogo vulgar.

Castelo Branco morre, aos gritos, dentro de um avião que choca com outro e se despedaça no solo. Acidente ou

atentado? O estoque de foguetes, pelo desaparecimento deste usurpador, terminou em todo o Brasil naquele dia.

O povo comemora com fogos esse acontecimento. O valente e culto jornalista Hélio Fernandes é preso por escrever esta frase lapidar sobre o falecido : "desapareceu um homem frio, impiedoso, vingativo e sem grandeza nem nobreza".

Este era o panorama do governo do Brasil desde a posse do novo ditador: moral, social, político e economicamente falido. Há uma corrida dos militares a todos os postos do Executivo Nacional. Exército, Marinha e Aeronáutica dividem a presa. E deles não querem largar até hoje. Grande número morava no Méier e adjacências. Hoje tem palácios na Lagoa e casas de veraneio.

O Partido Socialista Brasileiro, sob nossa direção e de um punhado de bravos companheiros, tais como Edmeia Vieira Cunha, Hélio Pires Ferreira, Dyrce Sant' Ana, Antero de Almeida, Jamil Haddad, Amadeu Rocha e alguns outros, continuava enfrentando os assaltantes do poder. Sempre que podíamos, aproveitando as raras sombras, protestávamos com notas importantes contra os desmandos governamentais. Foi o período áureo da nossa agremiação política. Um grupo pequeno, mas aguerrido, permaneceu até o fechamento. Costumeiro saque, como sempre, em seguida. Enquanto estivemos com as portas abertas, trabalhamos com afinco pela candidatura do Marechal Lott para governador do Estado do Rio de Janeiro. Um grande patriota. Enquanto isso os companheiros do PTB lutavam pela candidatura de Negrão de Lima. A intervenção de Castelo junto ao Tribunal Eleitoral não permitiu que Lott fosse candidato. Trapaça dos representantes da "Redentora". Aurélio Viana, que fora eleito senador, pedia, dia e noite, a todos do PSB para ser candidato. Foi afinal escolhido, com restrições de alguns, pois havia votado em Castelo para presidente da República contra a decisão do Partido. Foi fragorosamente derrotado por Negrão.

Alguns companheiros pediram-lhe que desistisse da candidatura e fizéssemos uma frente com Negrão. Não aceitou de modo nenhum a sugestão. Daria um tiro na cabeça, mas não renunciaria. Dirigi-me a Montevidéu, onde conversei com Leonel Brizola e com Max da Costa Santos sobre a possibilidade de o apoiarem. Brizola negou-se. Max, com alguma relutância, apoiou. Aurélio Viana, depois da derrota, abandonou completamente o PSB. Nunca protestou contra os desmandos e violências dos assaltantes do poder. Aos seus companheiros, desconhecia-os. Após exercer seu mandato de senador, jamais foi eleito para qualquer outro cargo. O povão deu um basta ao seu nome. Felizmente.

Com um grupo de dedicados companheiros fundamos, no PSB, a Comissão de Ajuda aos atingidos pelo Ato Institucional. Nele destacando-se Jamil Haddad, Edméia, Dirce, Amadeu, Fernando Pereira Lopes e Paulo Arguelles. Trabalhamos muito neste setor e prestamos uma ajuda efetiva a nossos companheiros cassados e suas famílias até o seu fechamento e saque da sede pelos agentes da ditadura. Em particular, quero citar Fernando Pereira Lopes, que deu ajuda importante a dezenas de companheiros, inclusive à minha família. Figura exemplar. Amigo de todas as horas.

A posse de Negrão foi tumultuada. Seu secretariado e seus principais colaboradores foram escolhidos com a assistência e aprovação dos auxiliares do ditador. Foi um serviçal, sem limites, dos proprietários do poder durante os anos de seu governo. Obedecia rigorosamente as ordens do General Juracy Magalhães e dos demais dirigentes da ditadura.

Tinha como colaboradora, porém, a figura exemplar de Yara Vargas. Hoje pertencente as hostes do PDT e a ele tem prestado relevantes serviços, tanto na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro como nos cargos executivos que exerceu e exerce.

Como disse, em linhas anteriores, o Exército e a Polícia Estadual saquearam a sede da nossa entidade política e levaram o auxílio material que seria destinado aos presos e suas famílias.

O saque e a presa, em todos os setores, eram a norma do governo Castelo Branco. Mais vivas à "Redentora".

Todos os caminhos, portanto, para que seguíssemos a via pacífica para libertação do governo a serviço dos americanos do norte, estavam barrados.

Primeiras reuniões foram feitas no Rio de Janeiro com grupos de ex-militares e alguns civis para o início da luta armada.

Posteriormente contactamos, no Uruguai, com Neiva Moreira, Max da Costa Santos e Brizola. Ficou então estabelecido que a única solução seriam focos de guerrilha distribuídos, principalmente, de 200km em 200km, na Serra do Mar.

Após estudos dos companheiros que compunham o primeiro grupo de futura guerrilha, foi estabelecido que a base do 1º foco seria Caparaó.

As primeiras providências foram tomadas: a formação do 1º grupo, os seus vários dirigentes e o armamento necessário.

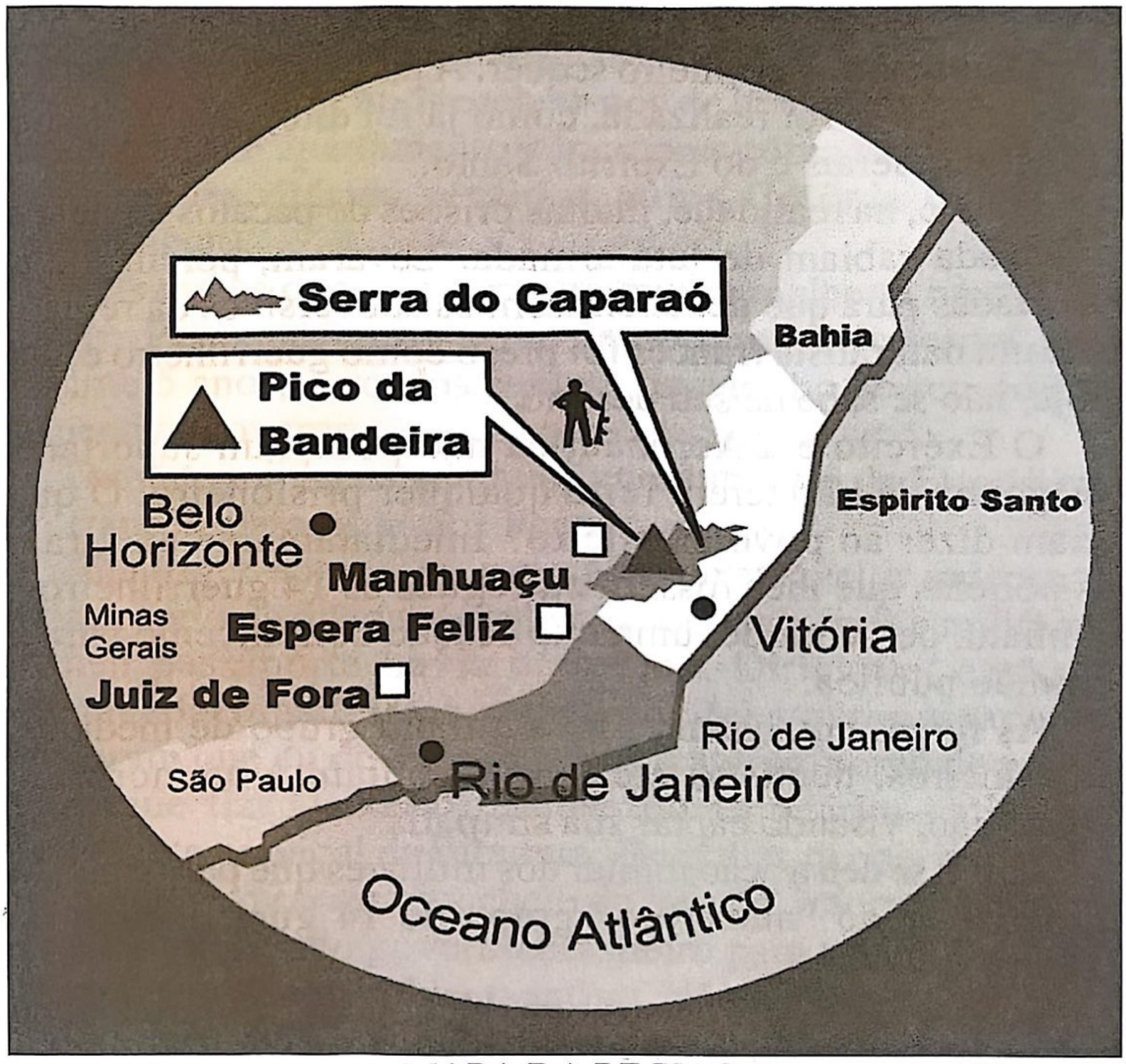
Finalmente, já tudo organizado, estabeleceu-se o foco nas imediações de Caparaó.

Treinos militares e debates políticos era o cotidiano.

Pretendíamos preparar-nos da melhor maneira. A precipitação de dois companheiros alertou a polícia e o Exército.

Camponeses, infelizmente, informavam diariamente às polícias de Minas e Espírito Santo que pessoas estranhas circulavam pela região.

Alertaram, então, ao Exército. As forças militares começaram a investigar e constataram, finalmente, a nossa resistência na serra.



MAPA DA REGIAO

A polícia prendeu os 14 companheiros antes que estes pudessem esboçar uma reação. Onze deles foram presos no local e três na estrada quando tentavam desviar a atenção das tropas policiais. Um deles foi ferido, o Capitão Juarez.

O Exército, com tanques e mais tanques, rumou para a zona conflitada. Participaram dessa grande batalha que não houve – cerca de 10.000 (dez mil) soldados. Participaram também dessa "heróica façanha" os pilotos da Aeronáutica, os quais, com dezenas de aviões, bombardearam Caparaó e cercanias. Tinham também a assistência de figuras do

Cenimar. As forças militares da ditadura, em verdade, não prenderam um guerrilheiro sequer. A prisão dos 14 valorosos companheiros foi realizada, como já foi dito, pelas polícias de Minas Gerais e do Espírito Santo.

Houve, na realidade, muitas prisões de pacatos cidadãos que nada sabiam de luta armada. Levaram, porém, boas cacetadas para que denunciassem os subversivos da região. Até um naturalista francês foi preso como guerrilheiro e, até hoje, não se sabe de seu destino.

O Exército e a Aeronáutica não poderiam suportar a vergonha de não terem feito qualquer prisioneiro. O que iriam dizer ao povo brasileiro? Imediatamente exigiram às polícias que lhes fossem entregues os 14 guerrilheiros. Tinham, desse modo, uma explicação convincente para a opinião pública.

As forças combatentes levaram um grupo de médicos, enfermeiros, dentistas etc. que atendiam à atemorizada população, visando captar sua simpatia.

Assim se deu a ação militar dos militares que participaram no combate ao "numeroso" grupo de 14 guerrilheiros de Caparaó.

Todos finalmente presos nos calabouços militares, onde sofreram inúmeros vexames e muitas violências.

Após horas e horas de interrogatório, um de nossos companheiros, não resistindo às pressões, indicou-me como chefe da Guerrilha de Caparaó. Logo em seguida fui aprisionado, quando me encontrava numa sala de aula, conforme descrevi anteriormente.

Após minha libertação, em abril de 1970, não me permitiram lecionar em território brasileiro.

O único caminho era, portanto, sair do Brasil. Com auxílio dos queridos amigos Antônio Houaiss e Virgílio Athayde Pinheiro, consegui o exílio na Argélia. Em setembro de 1970, parti, sem a família, para o exí'' Fui lecionar na

Universidade de Argel (capital da Argélia), onde também fui assessor da Diretoria de Estatística.

O governo argelino recebeu-nos de braços abertos. Deu-nos não só um apartamento para morar como também todas as refeições diárias servidas numa Colônia de Férias (Benaknoun).

Seis meses depois chegaram minha mulher e meus dois filhos. Permanecemos neste importante e fraternal país durante 5 anos, cercados sempre de carinho de seu povo e respectivo governo.

Durante minha estada publiquei um livro de Estatística, em francês, para os vários liceus.

Em Alger aconteceu um caso lamentável e indecente, aliás próprio da ditadura com seus serviçais civis e militares. O meu passaporte havia caducado. Dirigi-me, então, à embaixada brasileira à qual solicitei novo passaporte. Alegaram que eu deveria entregar o antigo, como de praxe. Foi o que fiz. Deixei-o na mão do secretário – aliás um repugnante serviçal da ditadura. Dois dias depois retornei à embaixada e o secretário, cheio de trejeito, informou-me que tinha instruções do governo brasileiro para não emitir novo passaporte e não devolver o antigo. Não sei se estes canalhas ainda estão vivos. Os pústulas vivem muito, dizem...

Relatei este ato indecente a meu chefe do Departamento de Estatística, que imediatamente comunicou ao Senhor Presidente da República, Houari Boumediene. O Presidente da República declarou: "este professor brasileiro que dá uma contribuição valiosa a nossa país não poderá ficar sem documento para viajar". Imediatamente me foi fornecido um passaporte argelino. Permanecemos 5 anos nesta hospitaleira nação cercada do carinho de todos, como já disse.

A ditadura salazarista havia caído. Revolução dos Cravos – graças às forças armadas portuguesas. Lá estas lutavam

para libertar sua gente. Aqui, ao contrário, as forças armadas oprimiam e massacravam o povo brasileiro.

Graças ao Dr. Ruy Luiz Gomes, Reitor da Universidade do Porto, a meu pedido, fui contratado para lecionar Matemática, na Faculdade de Economia daquela Universidade.

Partimos, assim, de Argel para Portugal, onde nos instalamos com a ajuda inestimável do meu querido amigo Altair Campos e família.

Em Portugal, fomos recebidos e tratados como gente da mesma terra. Este povo, para mim e minha família, será inesquecível. Eles, durante os 5 anos que lá residimos, cumularam-nos com todas as gentilezas. A mim e a minha mulher foi concedida a nacionalidade portuguesa. E a minha pessoa, em particular, foi dada a honra de ter, na Faculdade de Economia, uma sala com meu nome. Posteriormente forneceram-me um passaporte português.

Por pressão da ditadura brasileira, fui desligado do quadro de professor de Matemática da Faculdade de Economia. Ironicamente dirigia Portugal um governo socialista. Não conseguiram, porém, minha demissão do cargo de professor de Estatística do Instituto Superior do Serviço Social do Porto. Os professores daquele instituição não permitiram que tal ato acontecesse.

Continuei a luta dando aulas particulares de Matemática aos alunos de estabelecimentos de ensino e de faculdades.

Em Porto havia um consulado brasileiro dirigido por um general fascista. Era um gozador. Não recebia ninguém. Para conseguir dele uma declaração de que era brasileiro foi uma dificuldade. Imagino que deva ter tido algumas promoções pelos seus relevantes serviços. Quanto mais medíocre, mais promoções. Era a lei da Ditadura.

Decidimos, finalmente, partir para o Brasil. Seguiram primeiro minha mulher e meus dois filhos. Três meses depois

parti cheio de alegria por um lado e, por outro, tomado de muita tristeza, por deixar uma infinidade de amigos portugueses.

A 8 de maio de 1979, dia de meu aniversário, estava de volta à nossa Pátria.

Decretada a anistia, fui reintegrado ao Colégio Pedro II, à Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO) e ao magistério do Estado. O corpo jurídico da UERJ negou minha reintegração. Continuavam serviçais convictos da Ditadura. Pobres diabos! Dava dó o servilismo deles.

Retomei minhas atividades políticas ingressando no antigo PTB, hoje Partido Democrático Trabalhista (PDT).

Longos anos marcaram minha caminhada na vida pública, recheada de episódios inesquecíveis, que só serviram para reafirmar as minhas convicções e a minha disposição de continuar a luta por transformações sociais radicais.

A humanidade marcha inexoravelmente para o socialismo.

Quem viver, verá!

RESPOSTA AO GOVERNO CARLOS LACERDA (1964)

Transcrevo, a seguir, minha resposta à interpelação feita pela Comissão de Sindicância do Governo Carlos Lacerda.

Exmo. Sr. Presidente da Comissão de Investigação instituída pelo Decreto "E" nº 384, de 22.4.1964.

BAYARD DEMARIA BOITEUX, professor de curso normal, matrícula nº 92.843, ingresso nos quadros do funcionalismo do Estado da Guanabara, em concurso de provas e títulos, no qual foi classificado em 1º lugar, dirige-se a essa Comissão a fim de prestar esclarecimentos em face dos documentos a ele apresentados por funcionário lotado na Secretaria de Justiça, sita na Rua Senador Dantas, 15 – 11º andar.

1. Pertence aos quadros do Partido Socialista Brasileiro (ex-Esquerda Democrática) desde 8 de fevereiro de 1964 e do qual nunca se afastou.

2. Neste longo período, como militante ativo e consciente dessa agremiação política, só fez cumprir as afirmações de seu Programa e as decisões de suas Convenções, Diretório e Comissões Executivas. Pela sua importância, destacam-se as seguintes:

I) Defesa e desenvolvimento da forma democrática do governo e garantia às liberdades e direitos fundamentais do Homem.

II) Direito de voto a todos os militares e analfabetos.

III) Plano nacional de educação que atenda a conveniência de transferir-se, gradativamente, o exercício desta ao Estado e suprimir-se, progressivamente o ensino particular de fins lucrativos; subordinação do ensino particular ao interesse público. Que os dinheiros públicos sejam empregados somente na Escola Pública.

IV) Pelo monopólio estatal do Petróleo quanto à extração, à refinação e à distribuição.

V) Pela abolição do D.L. 9.070.

VI) Contra o Acordo Militar Brasil - Estados Unidos.

VII) Contra a cessão da Ilha Fernando de Noronha para base militar americana.

VIII) Pelo direito irrestrito de greve (Projeto Senador Aurélio Vianna).

IX) Pela legalidade e existência de todos os partidos políticos.

X) Combate aos atestados de ideologia para ingresso nas funções públicas e sindicais.

XI) Contra a cassação dos mandatos dos deputados comunistas (Governo Eurico Dutra).

XII) Luta permanente pelo aumento do salário mínimo.

XIII) Relações diplomáticas, comerciais e culturais com todos os povos do Mundo.

XIV) Nacionalização das fontes e empresas de energia, transporte e indústrias extrativas consideradas fundamentais.

XV) Reforma agrária.

XVI) Participação em todas as comemorações do Dia do Trabalho.

XVII) Combate contínuo à carestia

XVIII) Combate à rearticulação do Fascismo (Exposição na sede do PSB).

XIX) Pelo aproveitamento pacífico da energia nuclear e pela preservação de nossos minerais radioativos.

XX) Autorização para enviar, por intermédio do professor Bayard Demaria Boiteux, ao Sr. Presidente do Paraguai, Dr. Frederico Chaves, documento com assinatura de cerca de 200 parlamentares, de diversos partidos, solicitando libertação do líder Obdulio Barthe.

3. Como membro do PSB. foi várias vezes candidato a Vereador e Deputado Estadual. Atualmente é suplente de Deputado à Assembléia Legislativa da Guanabara.

4. Pertence aos quadros do Sindicato dos Professores de Ensino Secundário, Primário e de Artes do Rio de Janeiro e já desempenhou diversos cargos em suas diretorias destacando-se o de presidente, função esta que exerceu por duas vezes. Durante todos esses anos tem combatido energicamente aqueles que utilizam o ensino para fins comerciais. Felizmente nossa campanha não foi em vão, pois obtivemos os seguintes resultados.

I) Férias remuneradas para os professores particulares.

II) Portaria 204 (Regulamentação dos salários dos mestres).

III) Registro definitivo.

IV) Aposentadoria aos 25 anos.

V) Sucessivas melhorias dos salários dos mestres (1963-45%; 1964-110%).

5. Exerce o magistério há 26 anos e em todos os colégios, cursos e faculdades em que desempenhou suas atividades só tem recebido elogios de suas direções e congregações.

6. Finalmente, repele, com ênfase, diversas acusações levianas, mentirosas e caluniosas, totalmente sem provas,

originárias de Ordem Política e Social, solicitadas por esta Comissão, de que pertence ao Partido Comunista Brasileiro.

7. Documentos Anexados:
Declaração do PSB.
Declaração da Sr.ª Lucy Abreu da Rocha Freire.
Programa do PSB.
Estatutos do PSB.

Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1964

Bayard Demaria Boiteux

CONFERÊNCIA
A GUERRILHA DE CAPARAÓ, SUAS FINALIDADES (1992)

Que minhas palavras iniciais neste debate sejam de homenagem aos grandes vultos da história, da luta constante pela libertação dos povos da América Latina. Dentre muitos devemos destacar *Martí*, *Che Guevara*, *Salvador Allende*, *Fidel Castro*, *Prestes* e *Tiradentes*.

Desejo, também, renovar nossos sinceros agradecimentos aos povos, em particular argelino e português, pela fraternal acolhida a todos que foram presos, torturados e humilhados pela ditadura militar, de caráter fascista, implantada por Castelo Branco, em 1º de abril de 1964 - Dia da Mentira, Dia da Traição.

Nesta modesta exposição, em breves linhas, relataremos episódios dos 20 anos de governo ditatorial e os prejuízos causados por tenebrosa e sanguinária ditadura.

Em poucas palavras, quero relatar um resumo de meus 76 anos de existência, a trancos e barrancos.

Aos seis anos de idade, parti, com meus pais e 11 irmãos, de Florianópolis, onde nasci, para as terras fluminenses. Aqui permanecerei até o fim de minha vida integrado nas lutas políticas do passado, presente e futuras e escutando as deliciosas irreverências de sua gente, Povo bom e amigo.

Como estudante do Colégio Pedro II, Escola Naval, Escolas de Engenharia e Filosofia, participei nas contendas contra a ditadura de Vargas e apoio pelo envio de um Corpo

Expedicionário para combater o nazismo, malgrado a relutância do General Eurico Gaspar Dutra, então primeiro ministro do Exército, militar simpatizante de Hitler e Mussolini. E, também, na memorável campanha do "Petróleo é Nosso". Fui seu tesoureiro.

Lecionei em vários estabelecimentos públicos e particulares, doutrinei-me em Ciências Exatas e Ciências Econômicas. Da PUC fui expulso.

Em 1970, após três anos de prisão, fui exilado, indo lecionar nas universidades do Porto (Portugal) e Argel (Argélia). Permaneci nove anos nestas terras. Voltei em 1979 em razão da Anistia e, meses depois, fui reintegrado no nosso Estado, ao Colégio Pedro II e Uni-Rio. Para UERJ, até o presente momento, não consegui retornar.

Integrei-me em seguida, nas hostes do PDT e, atualmente, sou vice-presidente desta agremiação política, no Rio de Janeiro.

Depois do pequeno intróito, passemos a abordar a Guerrilha de Caparaó.

Analisemos, inicialmente, a situação brasileira, a partir da eleição de Jânio Quadros.

Jânio foi empossado em 31 de janeiro de 1961, como presidente da República, tendo, para vice-presidente, a figura eminente de João Belchior Goulart.

Tem o novo presidente um estilo de governo cheio de contradições. Reata relações diplomáticas com a China, condecora Che Guevara e recusa-se a apoiar a iniciativa dos Estados Unidos da América do Norte de expulsar o governo de Cuba da OEA (Organização dos Estados Americanos).

Paralelamente, submete-se às exigências do FMI (Fundo Monetário Internacional), tendo como padrinho Roberto Campos. Preocupa-se com detalhes, proibindo brigas de galo e biquini para mulheres. Governava com bilhetinhos. Louco varrido. Demagogo irresponsável. Falso puritano.

Em 25 de agosto, após 7 meses de um governo incongruente, renuncia o mandato com um de seus bilhetinhos.

Os ministros militares, homens de direita, ligados a Carlos Lacerda, Célio Borja, Adauto Lúcio Cardoso e Aliomar Balieiro vetaram a posse do vice-presidente João Goulart, que estava em missão especial na China Comunista. Brizola deu um basta, todos ficaram de bico calado e de calças na mão. Houve reconciliação geral, Jango toma posse, mas com o parlamentarismo a tiracolo e o astuto político Tancredo Neves como primeiro ministro.

Imediatamente foram tomadas, pelo presidente empossado, medidas altamente positivas para nossa sofrida gente.

O IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), financiado pela CIA - tendo como cabeça Carlos Lacerda famigerado líder de direita, aspirante permanente à presidência da República, continua a pregação da deposição de Jango.

Os dólares corriam soltos.

Um ano após sua posse, submetido a votos, o regime parlamentarista, é fragorosamente derrotado. Voltava assim, o regime presidencialista.

Washington e grande número de serviçais civis e militares se entrosam com Lacerda e Afonso Arinos para o golpe contra as instituições brasileiras. Amavam a burguesia norte americana e seu regime político. A esquadra americana já navegava nas águas fluminenses a pedido de traidores da ordem constituída.

O assalto final ao nosso país datou de 1° de abril de 1964 – O Dia da Mentira.

Dos que deviam defender o governo constituído, a maioria fracassou. Alguns por covardia e muitos por incompetência. Brizola lutou até o fim, Jango – não quer derramamento de

sangue – foge para Porto Alegre e, posteriormente, para Montevidéu. Brizola foi obrigado a sair do território nacional por não haver mais condições de luta.

Se houvesse resistência por parte de Jango não haveriam 25 anos de trevas em nosso país e milhares e milhares de companheiros não teriam sido sacrificados e mortos, Jango poderia ter mudado o curso de nossa história. Fracassou, infelizmente. Perdeu o trem das transformações sociais: Aconselhamos alguns políticos bastante atenção à dinâmica social. O trem da história é demasiadamente rápido e não tem volta.

O traidor Castelo Branco, após cambalachos com ex-presidente Juscelino Kubitschek, tem seu apoio afim de ser eleito "presidente". J.K., após aplaudí-lo, pela eleição na Câmara, é cassado por Castelo.

Castelo empossado, prisões e mais prisões se seguiram. Constituição rasgada. Violências e mortes de norte a sul. Direitos políticos cassados para muitos. Partidos, sindicatos e residências invadidas e saqueadas. Enfim, terror e mais terror. Até crianças eram sacrificadas, presas e mortas.

É criado imediatamente o Serviço Nacional de Informações (SNI). As refinarias de Petróleo são devolvidas aos particulares, revogação da Lei de Remessa de Lucros e revogação da Estabilidade de Emprego. Roberto Campos e Delfim Moreira, auxiliares do ditador, seguiam diretamente as diretrizes dos americanos do norte e do FMI.

O "Correio da Manhã" e a "Última Hora" são os únicos jornais que combatem vigorosamente à ditadura. Niomar, Muniz, Cony, Márcio, Calado e muitos outros, com a maior bravura, desmascaram nacional e internacionalmente os vendilhões da pátria, que estavam loteando o patrimônio nacional e sua independência. Procedimento análogo está sendo realizado por Collor, seus serviçais civis e militares, vendendo nossas estatais a preço de banana.

Do lado oposto: "O Globo", "Estado de São Paulo" e "Tribuna da Imprensa", os principais. Todos a reboque dos capitalistas americanos e brasileiros.

O Partido Socialista Brasileiro (PSB), sob nossa direção, e um punhado de bravos companheiros, tais como Edmeia, Jamil, Pires Ferreira, Dyrce, Fernando Lopes, Amadeu Rocha e alguns outros, continuávamos, sem armas, sempre a combater a ditadura sanguinária.

Desenrola-se a campanha para a direção estadual. Apresenta-se a candidatura do Marechal Lott, pelo PSB, e os companheiros do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) optaram por Negrão de Lima.

A intervenção de Castelo Branco, junto ao fraco Tribunal Regional Eleitoral não permitiu que Lott fosse candidato. Trapaça dos representantes da "Redentora". Aurélio Viana que havia sido eleito senador, pedia, dia e noite, a todos os companheiros do PSB, para ser candidato, em lugar de Lott.

Foi afinal escolhido, com grandes restrições dos companheiros partidários, pois havia votado em Castelo Branco para "presidente" contra a decisão do Partido. E, mais ainda, após o golpe jamais defendeu seus correligionários presos ou exilados.

Eleito Negrão, tomou posse graças ao general Juracy Magalhães. Seu governo seguiu as diretrizes revolucionárias. Serviçal autêntico.

Em razão da suspensão das atividades políticas foram fechados todos os partidos.

Não desistimos. Organizamos a "Fundação de ajuda aos perseguidos políticos", que prestou relevante serviços aos bravos patriotas sacrificados e suas famílias.

Passados alguns meses, com minha prisão, o PSB foi invadido e saqueado pelos militares do Exército. Levaram boas presas.

O panorama brasileiro: milhares de pessoas presas e torturadas, dezenas de mortos a mando de Castelo Branco, centenas de sindicatos e federações fechados, os partidos políticos encerrados, etc.

Todos os caminhos, portanto, para que seguíssemos a via pacífica para sermos um país independente, estavam também encerrados.

Primeiras reuniões foram realizadas no Rio de Janeiro, com grupos de ex-militares e alguns civis cassados, para o estudo da luta armada.

Posteriormente, após amplas discussões, com Neiva Moreira, Max da Costa Santos (falecido) e Leonel Brizola que tinham os mesmos objetivos que nós; tudo pronto.

Estudou-se o problema da localização dos focos de guerrilhas. Escolhida a Serra do Mar foi estabelecida que aí seriam distribuídos focos de guerrilha, de 200km em 200km.

Novos estudos para localizar onde seria implantado o primeiro agrupamento guerrilheiro. Afinal concluímos que, por sua situação topográfica, deveria ser na serra, nas proximidades da Serra de Caparaó, na zona da Mata de Minas, bem perto da fronteira com Espírito Santo. A região de Caparaó ainda garantia centenas de caminho, para alguma retirada. Nessa região chove muito.

A direção no Estado do Rio de Janeiro foi constituída por três membros na qual eu era o presidente, Amadeu Rocha responsável militar, já falecido, e um escritor, de nomeada, que não desejo citar o nome.

Os trabalhos no Rio eram intensos. Recebíamos boas contribuições em dólares, de patriotas brasileiros e de cidadãos estrangeiros, particularmente cubanos para viagens, compra de equipamentos e armas.

O fogo de Caparaó, posteriormente, montado, com cerca de 17 companheiros, começou suas atividades, com treinos militares, conhecimento topográfico da região e debates políticos.

Os camponeses das regiões adjacentes observaram as pessoas estranhas. Comunicaram à polícia. Paralelamente dois de nossos companheiros desceram a serra e numa barbearia foram presos. A Polícia Civil comunicou à Polícia Militar e esta, ao Exército.

Os 14 componentes, na época, estavam cercados e sem saída.

As polícias de Minas Gerais e Espírito Santo, finalmente, prenderam os guerrilheiros: em 5 de abril de 1967.

Já estavam presos todos os guerrilheiros quando Exército, Aeronáutica e membros do CENIMAR assumiram o início da nova batalha de Itararé. Espetáculo grandioso: os tambores rufavam e os aviões e helicópteros roncavam, os tanques exibiam seus canhões modernos. A bisonha tropa tinha certeiras metralhadoras. Os aviões bombardeavam indiscriminadamente as populações indefesas. Babavam, queriam mortos e feridos. Segundo os jornalistas da época, participaram ao todo 10.000 militares. A luta, que não existiu, portanto, seria desigual: 14 patriotas contra 10.000.

As Polícias Militares de Minas e Espírito Santo foram obrigadas a entregar os patriotas presos ao Exército. Eles, a todo custo, queriam ser vitoriosos.

Levados para Juiz de Fora, num dos interrogatórios e sessões de tortura, um dos nossos companheiros fraquejou e disse: "o responsável pela Guerrilha de Caparaó é o professor Bayard Demaria Boiteux".

No dia 7 de abril de 1967, às 9 horas, fui preso, em plena sala de aula, e conduzido, primeiro para o célebre quartel de torturas da Rua Barão de Mesquita, três horas depois, fui remetido para Juiz de Fora, outro centro de violências e torturas. Castelo, Geisel e seus serviçais estabeleceram várias entidades em diversos pontos do país, para interrogatórios e torturas.

Chegamos, ao anoitecer, em Juiz de Fora, e fui preso na 4ª RM.

Horas e horas de interrogatórios e violências de todos os tipos. Resolvi, assim, para resguardar os meus companheiros, ser o responsável pela Guerrilha de Caparaó. Declarei e assinei. E, hoje, continuo a pensar que a única solução para passar do regime capitalista para o socialista é a luta armada.

Alguns meses, após nossa prisão, fomos julgados e todos condenados. O Conselho Militar foi escolhido, a dedo, pelo General Itiberê comandante. Eu tive pena de 11 anos e mais dois de reeducação. Felizmente não me reeduquei. Minha pena foi posteriormente diminuída para 3 anos no Superior Tribunal Militar.

Cumpri totalmente os 3 anos de detenção: em Juiz de Fora, 12 meses; no Forte de Copacabana, 6 meses; e 18 meses na Fortaleza de Santa Cruz, no Estado do Rio de Janeiro.

Em Juiz de Fora, a comida era péssima e eles, no inverno, retiravam os cobertores e desligavam o chuveiro elétrico.

No Forte de Copacabana – o forte que não dava tiros – foi proibido que qualquer pessoa comigo falasse, nem bom-dia.

Na Fortaleza de Santa Cruz, eram de uma gentileza excessiva. Tiraram a mesa e a cadeira onde escrevia.

Em 7 de abril de 1970, fui libertado com as convicções bem mais firmes.

Em seguida, fui para o exílio de 5 anos na Argélia, onde lecionei na Universidade de Argel, na Escola Normal e dei curso especial de Estatística para diretores das escolas secundárias argelinas.

Transferi-me para Portugal (Porto) e aí lecionei na Faculdade de Economia e no Instituto Superior de Serviços Sociais.

Viajei a vários países na Europa, onde denunciei as violências da ditadura que infelicitou nosso país durante 20 anos.

A campanha de anistia se iniciava em todo o Brasil. A ditadura agonizava.

Voltei à minha terra em maio de 1979. Vi, antes de partir, a inauguração de uma sala de aula, com meu nome, na Faculdade de Economia. Chegando ao Brasil, ingressei no PTB, posteriormente transformado em PDT (Partido Democrático Trabalhista).

Pela carta de Mendes, transformara-nos em partido socialista.

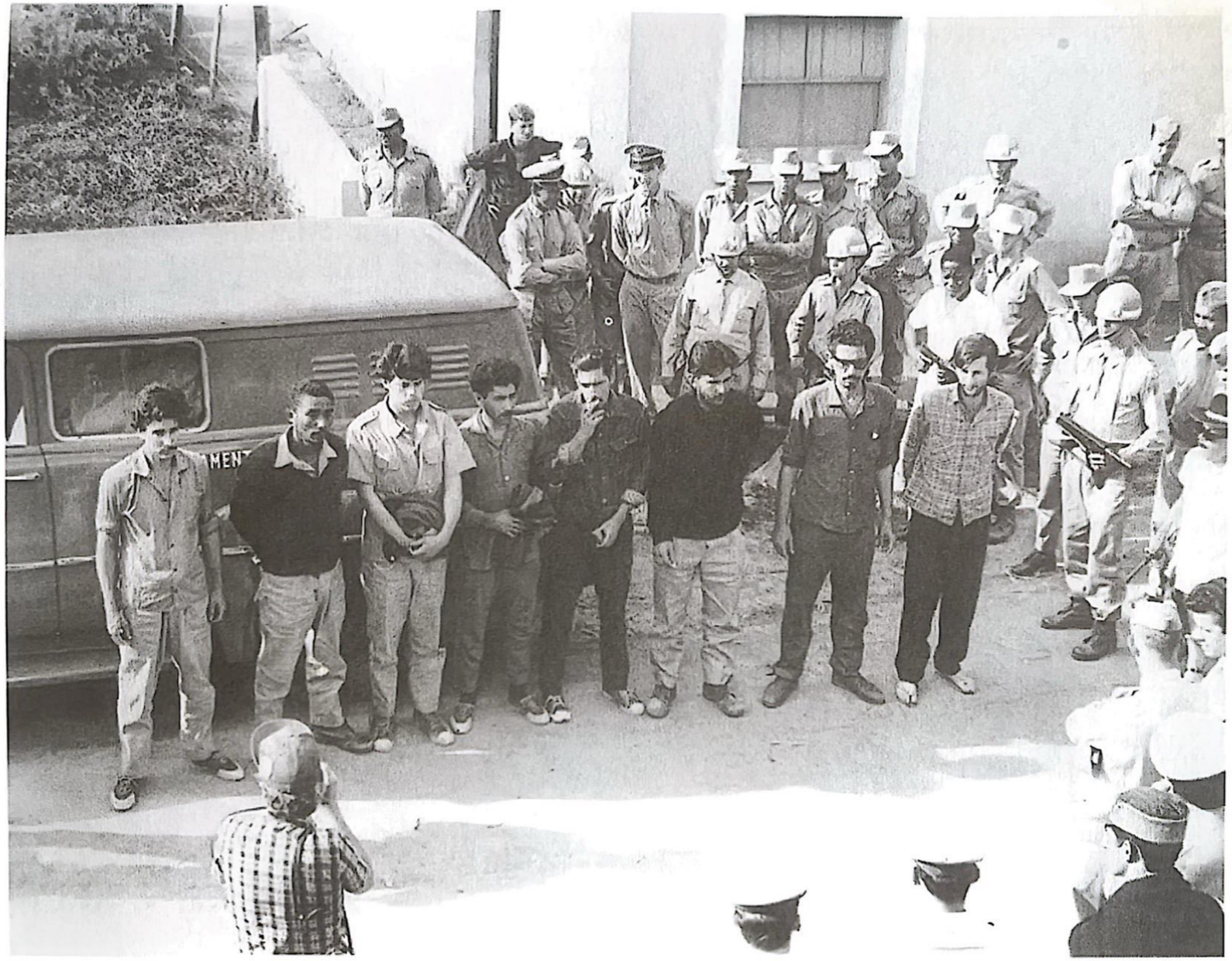
Aos 76 anos de idade, continuo lutando com todas as forças, sem ser candidato a qualquer posto eletivo, para tornar o nosso PDT um partido socialista autêntico.

O mundo marcha para o Socialismo é nossa certeza.

Muito obrigado.

FOTOS

Agência JB



Grupo guerrilheiro é capturado pela PM na Serra de Caparaó

Agência JB

Amadeu Rocha (E), Josué, Anivanir, Edival, Amadeu Felipe, Juarez e Bayard: no julgamento

Arquivo Nacional / Correio da Manhã

Guerrilheiros capturados, PM e Exército continuam a ocupar a região

Arquivo Nacional / Correio da Manhã

Soldados do Exército e da PM montam guarda contra os inexistentes guerrilheiros

Arquivo Nacional / Correio da Manhã

Polícia do Exército, a paisana, procuram inutilmente mais guerrilheiros na região

Arquivo Nacional / Correio da Manhã

FAB sobrevoa a região que logo depois viria a bombardear

Arquivo Nacional / Correio da Manhã

FAB bombardeia a região com o apoio terrestre da PM

CURRICULUM VITAE

1 – IDENTIFICAÇÃO:

NOME: BAYARD DEMARIA BOITEUX

DATA DO NASCIMENTO: 08.05.1916

NACIONALIDADE: Brasileira

NATURALIDADE: Santa Catarina

PROFISSÃO: Professor

2 – DIPLOMAS:

2.1 – Bacharel pelo Colégio Pedro II – Externato em 1933.

2.2 – Licenciado em Matemática pela Universidade do Estado da Guanabara em 1947.

2.3 – Doutor em Ciências pela Universidade do Estado da Guanabara em 1957.

2.4 – Doutor em Ciências Econômicas pela Universidade do Estado da Guanabara em 1962.

3 – APROVAÇÃO EM CONCURSOS PARA PROFESSOR:

3.1 – Matemática – Colégio Pedro II (Liceu Piloto do Brasil) em 1952 – 4° lugar.

3.2 – Matemática – Escola de Aeronáutica – Ministério da Aeronáutica em 1952 – 3° lugar.

3.3 – Matemática – Estado da Guanabara em 1955 – 1° lugar.

3.4 – Mecânica Racional e Cálculo Vetorial – Universidade do Estado da Guanabara em 1957 – 2° lugar.

3.5 – Vestibular à Faculdade de Filosofia – 1944 – 1° lugar.

3.6 – Complementos de Matemática – Universidade do Estado da Guanabara em 1960 – 2° lugar.

3.7 – Matemática – Colégio Naval – Ministério da Marinha-Brasil em 1963 – 1° lugar.

3.8 – Matemática – Universidade do Porto – Faculdade de Economia – Portugal – 1975 – 1° lugar.

3.9 – Estatística – Instituto Superior de Serviços Sociais – Porto – Portugal – 1976 – 1° lugar.

4 – ATIVIDADES PROFISSIONAIS:

4.1 – Matemática – Curso General Gomes Carneiro – Rio de Janeiro – 11938/1945.

4.2 – Matemática – Instituto Lafayette – Rio de janeiro – 1939/1945.

4.3 – Mecânica Racional na E.E. de Aeronáutica – Rio de Janeiro – 1945/1950.

4.4 – Mecânica e Cálculo Vetorial – Universidade do Estado da Guanabara – 1946/1949.

4.5 – Geometria Analítica e Projetiva da Universidade do Estado da Guanabara – 1948/1955.

4.6 – Mecânica Racional e Cálculo Vetorial – Escola Politécnica da Pontifícia Universidade Católica – Rio de Janeiro – 1948/1951.

4.7 – Matemática – Colégio Hebreu Brasileiro – Rio de Janeiro – 1951/1955.

4.8 – Matemática – Cursos Especializados S.A. (C.E.S.A) – Rio de Janeiro – 1951/1961.

4.9 – Matemática – Colégio Naval – Ministério da Marinha – Brasil – 1953.

4.10 – Matemática – Instituto de Educação – Rio de Janeiro – 1956/1961.

4.11 – Indicado, em lista sêxtupla, pela Congregação do Colégio Pedro II, ao MEC, para seu Diretor (1986).

4.12 – Matemática – Colégio Pedro II – Rio de Janeiro – 1956/1964 e 1980/84.

4.13 – Matemática – Curso Bahiense (Vestibular de Engenharia e Arquitetura) Rio de Janeiro – 1958/1961.

4.14 – Complementos de Matemática – Universidade do Estado da Guanabara (Faculdade de Ciências Econômicas) 1962.

4.15 – Estatística – Escola Central de Nutrição – Ministério do Trabalho – Rio de janeiro – 1958/1963.

4.16 – Mecânica Geral e Cálculo Vetorial – Faculdade de Ciências da Universidade de Argel – Argélia – 1970/1971.

4.17 – Estatística – Instituto National de La Formation Professionel de Adultes (INFRA) – Argel – Argélia – 1972/1975.

4.18 – Matemática – Universidade do Porto (Faculdade de Economia) – Porto – Portugal – 1975/1977.

4.19 – Matemática e Estatística – Instituto Superior de Serviços Sociais – Porto – Portugal – 1976/1979.

4.20 – Estatística – Escola Normal – Argel – Argélia – 1975.

4.21 – Geometria Analítica e análise Funcional na Faculdade de Filosofia de Campo Grande – 1979/1980.

4.22 – Matemática – Colégio Estadual Julia Kubitschek – 1980/1983.

4.23 – Matemática – Fundação Getúlio Vargas – 1981.

4.24 – Matemática e Estatística – UNI-RIO – 1952/1964/ 1979 e 1986.

5 – CURSOS POST-UNIVERSITÁRIOS DADOS:

5.1 – Trigonometria Hiperbólica – Universidade do Distrito Federal – 1954.

5.2 – Introdução à Mecânica dos Corpos Indeformáveis – Instituto de Física – Rio de Janeiro – 1955.

5.3 – Mecânica – Instituto de Física da Universidade do Distrito Federal – Rio de Janeiro – 1956/1957.

5.4 – Estatística a médicos nutrólogos na Escola Central de Nutrição – Rio de Janeiro – 1958/1960.

5.5 – Matemática – Centro de Informações e Estudos sobre Matemática Elementar e Superior (C.I.E.M.E.S.) – Rio de Janeiro.

5.6 – Estatística – (C.I.E.M.E.S.) – Rio de Janeiro – 1966.

5.7 – Estatística aos Diretores dos Centros de Formação Profissional dos Adultos – Argel – Argélia – 1972.

5.8 – Introdução ao estudo dos números complexos a duas dimensões – Universidade do Porto – Portugal – 1976/1977.

5.9 – Equações Diferenciais – Universidade do Porto – Faculdade de Economia – Portugal – 1976/1977.

5.10 – Cálculo Integral – Universidade do Porto – Faculdade de Economia – Portugal – 1976/1977.

5.11 – Equações Diferenciais – Faculdade de Filosofia de Campo Grande – 1979.

5.12 – Números Complexos – Faculdade de Filosofia de Campo Grande – 1979.

5.13 – Cálculo Integral – Faculdade de Filosofia de Campo Grande – 1980.

5.14 – Estatística para Engenheiros – IBRADE – 1979.

5.15 – Curso de Matemática e Estatística para funcionários do Governo da Guiné-Bissau – 1975.

5.16 – Cálculo Integral – ISSSP – Porto – Portugal – 1977.

5.17 – Curso de Biologia Celular Humana – UNI-RIO – 1982.

5.18 – Curso para biólogos e médicos (Mestrado) – UNI-RIO – 1984.

6 – FUNÇÕES TÉCNICAS, DIREÇÃO E PLANIFICAÇÃO:

6.1 – Diretor do Curso General Gomes Carneiro – Rio de Janeiro – 1938/1946.

6.2 – Diretor dos Cursos Especializados S.A. – Rio de Janeiro – 1951/1961.

6.3 – Membro da Comissão Governamental–Sindical encarregada de elaborar os programas de Matemática das escolas secundárias brasileiras – 1951.

6.4 – Professor coordenador do ensino de Matemática, (turno da manhã) do Colégio Pedro II – (Liceu piloto do Brasil) – Rio de janeiro – 1953.

6.5 – Membro do Conselho Científico do Instituto de Física da Universidade do Distrito Federal – Rio de Janeiro – 1956/1958.

6.6 – Registro de Diretor da Escola Secundária Ministério da Educação – Rio de Janeiro – 1957.

6.7 – Membro da Associação de Educação – (A.B.E.) – 1957/1970.

6.8 – Diretor do Centro de Informações e Estudos sobre Matemática Elementar e Superior (C.I.E.M.E.S.) – Rio de Janeiro – 1959/1970.

6.9 – Representante dos Doutores em Ciências Econômicas junto à Congregação da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado da Guanabara – 1963/1967.

6.10 – Membro da Comissão encarregada de elaborar o projeto do Centro Nacional de Formação de Técnicos de Cadastro de Mostaganém – Argel – Argélia – 1971/1972.

6.11 – Membro do Grupo de Trabalho – "Societé d'Estudes et Réalisations Techniques Ltda. – (S.E.R.T)" encarregada da elaboração do projeto do Centro de Formação de Técnicos de Cadastro de Mostaganém – Argel – Argélia – 1971.

6.12 – Membro efetivo do Grupo de Planificação do L'Institut Nacional de la Formation Professionelle des

Adultes – Argel – Argélia – 1972/1975.

6.13 – Membro do Conselho Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro (1992/93).

6.14 – Membro do Conselho Pedagógico da Secretaria Extraordinária de Programas Especiais – Estado do Rio de Janeiro – 1991/92/93.

6.15 – Membro do Conselho de Curadores da Fundação Universidade Estado do Rio de Janeiro – 1991//92/93.

6.16 – Coordenador da Cadeira de Matemática na Faculdade de Economia da Universidade do Porto – Portugal – 1975/1977.

6.17 – Membro efetivo do Conselho da Faculdade de Economia da Universidade do Porto – Portugal _ 1975/1976.

6.18 – Membro efetivo do Conselho Pedagógico do Instituto Superior Social do Porto – Portugal – 1975/1976.

6.19 – Subchefe do Departamento de Ciências Biológicas – Universidade do Rio de Janeiro – 1980/1984.

6.20 – Secretário de Estado de Administração do Estado do Rio de Janeiro – 1983.

6.21 – Sub-chefe do Departamento de Ciências Biológicas do Curso Básico do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde – UNI-RIO – 1982/1985.

6.22 – Representante dos Professores adjuntos junto ao Colegiado do Dep. Ciências Biológicas – UNI-RIO – 1982/1985.

6.23 – Presidente interino da Fundação Escola do Serviço Público do Estado do Rio de Janeiro (FESP-RJ) – 1983.

6.24 – Presidente interino do Centro de Processamento de Dados do Estado do Rio de Janeiro – PRODERJ – 1983.

6.25 – Vice-Presidente do Conselho Estadual de Educação – 1983/1986.

6.26 – Curador da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) – 1984/1985.

6.27 – Diretor da Companhia Telefônica – (CETEL) – Governo Leonel Brizola – 1986/1987.

6.28 – Presidente da Loteria do Estado do Rio de Janeiro – LOTERJ – 1991/92/93.

6.29 – Membro do Conselho Consultivo do Movimento em Defesa da Economia Nacional (MODECON) – 1991/92/93.

6.30 – Presidente da Fundação Casa França-Brasil – 1993.

7 – PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS, CONFERÊNCIAS E SEMINÁRIOS:

7.1 – Congresso das Faculdades de Filosofia – São Paulo – Brasil.

7.2 – Congresso Internacional de Professores – Viena – Áustria – 1953.

7.3 – Congresso de Educadores – Montevidéu – Uruguai – 1957.

7.4 – Sindicato dos Professores da Romênia – Bucarest – 1957.

7.5 – III Congresso de Matemática – Rio de Janeiro – Brasil – 1959.

7.6 – Congresso de Educadores – Conacri – Guiné – África – 1960.

7.7 – Congresso dos Professores do Ensino Médio do Rio de Janeiro – 1960.

7.8 – VIII Congresso de Educadores – Rio de Janeiro – 1960.

7.9 – Preparação para o VIII Congresso de Educadores (Brasil) – Caracas – Venezuela – 1963.

7.10 – Seminário sobre Programação, Planificação e Estatística – Argel – 1972.

7.11 – Seminário sobre Reforma Agrária – Argel – Argélia – 1973.

7.12 – Latinamerika Institutet I Stockolm – Simpósio Brasil no limiar da década dos 80 – Estocolmo – Suécia – 1978. (Convidado Especial).

7.13 – Viagem de estudo à República Democrática Alemã – 1979.

7.14 – Congresso pelos Direitos Humanos – Peru – Lima – 1982.

7.15 – International Conference on Nicaragua and for Peace in Central América-Portugal – Lisboa – 1984.

7.16 – Internacional Socialista – Rio de Janeiro – 1984.

7.17 – Seminário Nacional – A Gestão Municipal e a Educação na Nova República – 13 e 14/06/85 – Maceió – Alagoas – Brasil.

7.18 – Internacional Socialista (América Latina) – Rio de Janeiro – 1988.

7.19 – Representante do Brasil (PDT), na República do Iraque – (Bagdad), a fim de verificar o desenrolar das eleições parlamentares (deputados) – 1989.

7.20 – Representante do Brasil (Estado do Rio de Janeiro) no Congresso do Partido Socialista Português (1994)

8 – TESES:

8.1 – Aplicação dos números – "i" e "$e^{i\omega}$" na Cadeira de Mecânica Racional – 1957 – Doutorado.·

8.2 – Fundamentos do Estudo dos números complexos a duas dimensões – 1962 – Cátedra.

8.3 – Os operadores lineares e diferenciais na Mecânica – 1974 – (a defender – Cátedra).

9 – CONDECORAÇÕES, TÍTULOS, ETC:

9.1 – Medalha República Argentina _ 1938.

9.2 – Medalha José Bonifácio – Marinha Brasileira – 1950.

9.3 – Condecoração pelo Governo da Coréia do Norte – (Medalha de Ouro Kim Il Sung) – 1974.

9.4 – Título de Cidadão Fluminense concedido pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro – 1984.

9.5 – Título de Cidadão Carioca concedido pela Câmara de Vereadores do Município do Rio de Janeiro – 1988.

9.6 – Membro honorário do Instituto de Cultura Hispânica – 1991.

9.7 – Membro da Comissão de Relações Internacionais do PDT (Partido Democrático Trabalhista) – 1990/1993.

9.8 – Título de Cidadão do Município de Laje do Muriaé – 14/09/91.

9.9 – Medalha Pedro Ernesto concedida pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro – 11/11/91.

9.10 – Título de cidadão português (1979).

9.11 – Medalha Tiradentes, concedida pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro – 1992.

10 – TRABALHOS PUBLICADOS:

10.1 – Manual do Escriturário – em colaboração – Rio de Janeiro – Brasil – 1941.

10.2 – Manual do Oficial Administrativo – em colaboração – Rio de Janeiro – Brasil – 1941.

10.3 – A função do Coletor na Administração Fiscal – em colaboração – Brasil – 1942.

10.4 – Programa de Matemática das Escolas Secundárias Brasileiras – em colaboração – 1952.

10.5 – Notions de Statistique – Niveau – 1^{ére} édition – Alger – Algérie – 1972.

10.6 – Notions de Statistique – Niveau I – 2ème edition – Alger – Algérie – 1973.

10.7 – Rationalisation – Centres F.P.A. – Plan de Travail – Conclusions – Alger – 1973.

10.8 – Cours de Statistique (no prelo) – Alger – Argélia.

10.9 – Matemática (apostilas) para 1° ano da Faculdade de Economia da Universidade do Porto – (Duas Edições) – 1975 e 1976/1977.

10.10 – Introdução à Estatística – Porto – Portugal – 1977

11 – TRABALHOS PRONTOS PARA PUBLICAR:

11.1 – Geometria Analítica (plana e no espaço) e Cálculo Vetorial.

11.2 – Elementos de Aritmética nos sistemas não decimais.

11.3 – Procedés de résolution de equations de second degré.

11.4 – Les droites isotropes.

11.5 – Etude de la divisibilité avec le dispositif de Briot.

11.6 – Applications des opérateurs en certains questions de Mécanique.

11.7 – Exercices de Statistique.

11.8 – Trigonometria plana e esférica.

11.9 – Calcul Vectorial et Initiation à la Théorie des Champs.

11.10 – Pequeno Dicionário de Matemática.

11.11 – Elementos de Estatística (Porto), no prelo.

11.12 – As equações diferenciais na Biologia.

11.13 – Exercícios de Cálculo Integral.

11.14 – Novos caminhos para Geometria Euclidiana.

Cargos Exercidos

1 - FEDERAL — Matrícula: 1.640.300 – Professor
Ingresso: 1º de julho de 1954
Aposentadoria: 8 de maio de 1986
Obs: Escola de Especialista da Aeronáutica, Colégio Pedro II e Colégio Naval

2 - ESTADUAL — Matrícula* 92.943 – Professor
Ingresso: 22 de março de 1956
Aposentadoria: 09 de maio de 1986
Obs: Instituto de Educação – Colégio Rivadávia Corrêa

3 - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – Professor
Ingresso: 1960 (aproximadamente)
Aposentadoria: 16 de maio de 1986
Obs: Escola Central de Nutrição e Universidade (UNI-RIO)

4 - SECRETARIA DE ESTADO DE ADMINISTRAÇÃO – (1º Gov. Brizola) – Secretaria de Estado
Ingresso: 15 de março de 1983
Exoneração: 30 de novembro de 1983

5 - COMPANHIA TELEFÔNICA (CETEL)
Ingresso: 30 de abril de 1985
Exoneração: 30 de março de 1987
Obs: Diretor – representante do Governo Estadual (R.J.)

6 - CURADOR UERJ - (1º Gov. Brizola)
Ingresso: 17 de janeiro de 1984
Exoneração: 01 de novembro de 1984

7 - CURADOR UERJ - (2º Gov. Brizola)
Ingresso: 21 de fevereiro de 1992
(Posse 29/04/1992)
Exoneração: em exercício

8 - CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO – (1º Gov. Brizola) – Conselho
Ingresso: 24 de novembro de 1983 – Presidente
Exoneração: 20 de fevereiro de 1987

9 - CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO – (2º Gov. Brizola) – Conselheiro
Ingresso: 15 de março de 1991 – Presidente
Exoneração: 31 de dezembro de 1994

10 - LOTERIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – LOTERJ
Ingresso: 15 de março de 1991 – Presidente
Exoneração: maio de 1993

11 - Professor do Curso General Gomes Carneiro – 1938/45

12 - Diretor do Curso General Gomes Carneiro – 1938/45

13 - Professor Cursos Especializados S.A. (CESA) – 1940/45

14 - Professor do Curso Bahiense – 1958/61

15 - Professor do Instituto Lafayette – 1939/45

16 - Professor do Colégio Hebreu Brasileiro – 1951/55

Bayard Demaria Boiteux

01 - Nasceu em Florianópolis, (Sta. Catarina), em 08 de maio de 1916; daí partiu, com a família, para o Rio de Janeiro e onde se fixou até a presente data, chegou ao Rio em 1922.

02 - Estudou o primário numa escola pública de seu bairro – Francisco Cabrita (Tijuca) – e o secundário no tradicional Colégio Pedro II (Centro); aí começou suas atividades políticas.

03 - Cursou, durante 5 anos, a Escola Naval; sendo, segundo suas palavras, felizmente expulso no ano de 1938. Lutou contra a ditadura de Vargas. Matriculou-se na Escola Politécnica, atual Escola de Engenharia, não terminou o curso.

04 - Teve papel atuante na "Campanha da Anistia", em 1946. Sendo esta promulgada, foram libertados centenas de brasileiros, entre eles, a figura ímpar de Luiz Carlos Prestes.

05 - Ingressou na UDN e incorporou-se ao grupo "Esquerda Democrática", cujo núcleo deu origem ao Partido Socialista Brasileiro, onde militou até 1965, quando foi fechado pela ditadura instalada no Brasil por militares anti-brasileiros. Apoiou Eduardo Gomes, adversário de Dutra, na campanha presidencial.

06 - Eleito o General Dutra – homem da extrema direita – a Presidente da República, iniciou-se a campanha "Petróleo é Nosso", sendo um de seus dirigentes nacionais. Desta campanha, foi criada a atual "Petrobrás" – que Collor,

Fernando Henrique e seus serviçais desejam sucatear. Dutra combateu violentamente a luta pró-monopólio estatal de petróleo. Itamar segue a mesma orientação de Collor, junto com Fernando Henrique.

07 - Após sua expulsão da Escola Naval, ingressou na Escola de Engenharia, onde cursou até o 3° ano; começou aí sua militância como professor e sindicalista. Em seguida, ingressou na Faculdade de Filosofia e se licenciou em Matemática.

08 - Fica ao lado do governo Vargas – presidente eleito – antes e depois de sua morte de acordo com a orientação do PSB.

09 - Milita, há 50 anos, no Sindicato de Professores, tendo ocupado os mais variados cargos na sua direção, inclusive sendo Presidente por duas vezes. Representou esta entidade em congressos internacionais: Áustria, Uruguai, Argélia, Venezuela, Portugal, Peru e Guiné (Conakry). Instituiu, como presidente do Sindicato, os auxílios maternidade, funeral, seguro de vida em grupo e fundou a Folha do Professor, que até hoje é publicado (1997).

10 - Seu destino era o professorado. Ensinou, inicialmente, no Curso General Gomes Carneiro e CESA e, em seguida, no Instituto Lafayette, Faculdade de Filosofia da UERJ. Ingressou, por concurso, para professor no Colégio Pedro II, para professor do Estado do Rio de Janeiro, para Faculdade de Filosofia. Ingressou por concurso, em 1° lugar, para professor do Colégio Naval sendo 4 meses depois, demitido.

11 - Conquistou os doutorados de Ciências e Ciências Econômicas. Continuou sua vida de professor: PUC – da qual foi demitido por ser socialista, UNI-RIO, São Vicente, etc. No exílio, lecionou na Universidade de Argel, na Faculdade de Economia e no Instituto de Serviços Sociais, no Porto (Portugal). Nesta última

Faculdade foi-lhe prestada homenagem, sendo uma sala batizada com o nome Doutor Bayard.

12 - Em 4 de abril de 1967, foi preso em razão de estar participando na luta armada (CAPARAÓ). Foi demitido de todas as suas funções e teve cassados seus direitos políticos e sua sala de aula e casa saqueadas por oficiais do Exército e da Polícia. A *Comissão de Ajuda aos Atingidos*, por ele e outros fundada, para prestar auxílio aos cassados e presos, foi também fechada e saqueada.

13 - Foi condenado a 12 anos de prisão. Cumpriu três anos de cadeia, em condições precárias no 4° R.O., Forte Copacabana e Fortaleza de Santa Cruz. Sua pena foi diminuída, no S.T.M, para três anos. Foi libertado em 7 de abril de 1970.

14 - E, 1° de setembro de 1970, foi exilado (Argel), onde permaneceu 5 anos e 4 anos em Portugal (Porto), onde prestou relevantes serviços aos povos e governos. Recebeu do governo argelino passaporte para viajar por toda Europa.

15 - O povo de Portugal prestou-lhe várias homenagens: deu seu nome a uma sala de aula na Faculdade de Economia de Porto, e concedeu a cidadania portuguesa a si e sua esposa. Forneceu todos os documentos de cidadão português, inclusive passaporte.

16 - Durante o exílio, percorreu vários países da Europa denunciando os crimes da ditadura militar fascista do Brasil (1970/79).

17 - Escreveu alguns trabalhos sobre Matemática e Estatística na Argélia e Portugal.

18 - Voltando ao Brasil, em 1979, foi anistiado.

19 - Ingressou no PTB – transformado em PDT, do qual é, ex-Presidente da Comissão de Ética Nacional, ex-Presidente da Comissão de Ética Regional do Diretório do Rio de Janeiro, ex-Vice Presidente da Comissão

Executiva do Diretório Regional do Estado do Rio de Janeiro.

20 - Fundou a COSPLAM (Comitê de Solidariedade dos Povos Latino-Americanos, em 1981 e que funciona até hoje (1992).

21 - Participou, após sua volta do exílio, em congressos internacionais, em Havana, Lima e Lisboa.

22 - No 1° governo de Leonel Brizola foi Secretário de Administração, diretor da CETEL e Vice-Presidente do Conselho Estadual de Educação, Curador da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Presidente da FESP e PRODERJ.

23 – No 2° governo de Brizola desempenha as funções: Presidente da LOTERJ, Vice-Presidente do Conselho Estadual de Educação, Curador da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Conselheiro do Conselho Pedagógico e Vice Presidente – Presidente PDT/RJ.

BIBLIOGRAFIA

- ALEGRIA, Fernando. Salvador Allende.
- BOITEUX, Bayard Demaria. O Tiro.
- Brasil: Nunca Mais (Um relato para a História). Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1985. 7ª ed.
- Constituição do Brasil 1988.
- LEMME, Paschoal. Memórias (1, 2, 3).
- MIRANDA, Maria Augusta Tibiriçá. Alice Tibiriçá: Lutas e ideais. Rio de Janeiro, PLG-Comunicações, 1980.
- RIBEIRO, Darcy. Aos Trancos e Barrancos.
- SOARES, Gilson. A Guerrilha de Caparaó.

Jornais consultados:

Correio da Manhã (vários)
Emancipação (Gen. Felicissimo Cardoso) - vários
Jornal do Brasil (vários)
Jornal da ABI (vários)
Le Monde (França) - vários
Moudjahid (Argel - Argélia) - vários
O Globo (vários)
Tribuna da Imprensa (vários)
Última Hora (vários)

Outras Publicações da Inverta Cooperativa Ltda.

- *A História me Absolverá* **(esgotado)**

  de Fidel Castro

- *Reacender a Chama: Teses sobre a Revolução Brasileira*

  de P. I. Bvila

- *O Amor, uma Mulher e um só Casamento*

  de Zola Florenzano

- *O Manifesto do Partido Comunista de Marx e Engels (Comentado)* **(praticamente esgotado)**

  por Zola Florenzano.

- *Crise na Ásia: O Tufão e a Muralha de Papel*
  Contribuição para uma análise marxista da crise do capital

  de Aluísio P. Beviláqua

Gráfica e Editora
Maia Barbosa Ltda.

Rua Irineu Martinho, 30 • Lojas B/C • Cidade Nova • RJ
Tel.: (021) 509-5547 • CEP 20230-023

"Não trago ódio ou revanchismo. Procurarei, apenas, em todas as oportunidades que tiver, lutar pela justiça e pela liberdade a que nossa gente tem direito."

"Longos anos marcaram minha caminhada na vida pública, recheada de episódios inesquecíveis, que só serviram para reafirmar as minhas convicções e a minha disposição de continuar a luta por transformações sociais radicais.

A humanidade marcha inexoravelmente para o socialismo.

Quem viver, verá!"

"Todos os caminhos, portanto, para que seguíssemos a via pacífica para sermos um país independente, estavam também encerrados.

Ficou então estabelecido que a única solução seriam focos de guerrilha distribuídos, principalmente, de 200km em 200km, na Serra do Mar."

Bayard Demaria Boiteux

ISBN 85-86152-06-4

9 788586 152061